



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**

**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**Instituto Universitário de Ciências Religiosas**

**MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS**

**Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica**

**Hercília Teresa de Paiva Soares e Silva**

**FAMÍLIA, UM PROJETO DE VIDA**

**Reflexão no contexto da Unidade Letiva 3 do 9º ano**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada**

**sob orientação de:**

**Professora Doutora Teresa Messias**

**Mestre Juan Francisco Ambrosio**

**Lisboa**

**2016**

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

|        |  |
|--------|--|
| Agrup. | Agrupamento  |
| Coord. | Coordenador  |
| EMRC   | Educação Moral e Religiosa Católica                              |
| Gn     | Génesis  |
| ME     | Ministério da Educação   |
| PES    | Prática de Ensino Supervisionado                                 |
| SNEC   | Secretariado Nacional de Educação Cristã                         |
| UNESCO | Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura |
| UL3    | Unidade Letiva 3   |

## ÍNDICE

|   |    |
|---|----|
| LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS .....  | 2  |
| ÍNDICE .....  | 3  |
| ÍNDICE DOS GRÁFICOS.....  | 5  |
| ÍNDICE DE QUADROS.....  | 8  |
| INTRODUÇÃO .....  | 9  |
| PARTE I – Reflexão no contexto da Prática Letiva .....                          | 11 |
| 1. Ser professor de EMRC: um desafio, uma missão.....                           | 11 |
| 2. Escolha e fundamentação da UL3.....  | 16 |
| 3. Lecionação da UL3 .....  | 18 |
| 4. Caraterização do Agrup. de Escolas Monte da Lua e Escola D. Fernando II..... | 23 |
| 4.1. Caraterização das Turmas B e D do 9º Ano.....                              | 29 |
| 4.1.1. Caraterização da Turma B, 9º ano.....                                    | 29 |
| 4.1.2. Caraterização da Turma D, 9º ano .....                                   | 38 |
| 4.2. Apreciação global.....   | 45 |
| PARTE II – Enquadramento teológico .....  | 46 |
| 1. Breve análise histórica sobre a família .....                                | 46 |

|  |     |
|--|-----|
| 2. Perspetiva antropológica.....                                   | 49  |
| 3. Perspetiva teológica.....                                       | 54  |
| 3.1. A Sagrada Família .....                                       | 54  |
| 3.2. Santíssima Trindade .....                                     | 55  |
| 3.3. Dinâmica sinodal.....   | 58  |
| PARTE III – Família como projeto de vida .....                     | 67  |
| 1. O que é um projeto de vida .....                                | 67  |
| 2. A importância da família na construção do projeto de vida ..... | 68  |
| 2.1 Educação .....   | 71  |
| 2.2 Socialização.....  | 72  |
| 3. Opção familiar como projeto de vida .....                       | 74  |
| 4. Breve estudo a partir da UL3 9º ano .....                       | 77  |
| 4.1. Análise da primeira Ficha de Referência à UL3 .....           | 77  |
| 4.2. Análise comparativa com a segunda Ficha de Referência.....    | 86  |
| CONCLUSÃO.....   | 90  |
| BIBLIOGRAFIA .....   | 93  |
| Decretos de Lei.....   | 96  |
| Net Grafia.....  | 96  |
| ANEXO A – Caracterização da Turma B/D do 9º ano.....               | 99  |
| ANEXO B – Ficha de Referência da UL3 .....                         | 103 |

## ÍNDICE DOS GRÁFICOS

|  |    |
|--|----|
| GRÁFICO nº 1 – APOIO SOCIAL (EM PERCENTAGEM) .....                               | 30 |
| GRÁFICO nº 2 – COM QUEM VIVES (EM PERCENTAGEM) .....                             | 30 |
| GRÁFICO nº 3 – ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO (EM PERCENTAGEM) .....                   | 31 |
| GRÁFICO nº 4 – É O IRMÃO MAIS VELHO OU O MAIS NOVO (EM PERCENTAGEM) .....        | 32 |
| GRÁFICO nº 5 – GOSTAS DE ESTUDAR (EM PERCENTAGEM) .....                          | 32 |
| GRÁFICO nº 6 – HORA A QUE OS ALUNOS SE LEVANTAM (EM PERCENTAGEM) .....           | 33 |
| GRÁFICO nº 7 – MEIO DE TRANSPORTE UTILIZADO PARA A ESCOLA (EM PERCENTAGEM) ..... | 33 |
| GRÁFICO nº 8 – TEMPO QUE DEMORA A CHEGAR À ESCOLA (EM PERCENTAGEM) .....         | 34 |
| GRÁFICO nº 9 – TEMPO DIÁRIO DEDICADO AO ESTUDO (EM PERCENTAGEM) .....            | 34 |
| GRÁFICO nº 10 – ONDE HABITUALMENTE O ALUNO ESTUDA (EM PERCENTAGEM) .....         | 35 |
| GRÁFICO nº 11 – APOIO AO ESTUDO (EM PERCENTAGEM) .....                           | 35 |
| GRÁFICO nº 12 – OCUPAÇÃO DOS TEMPOS LIVRES (EM PERCENTAGEM) .....                | 36 |
| GRÁFICO nº 13 – PROFISSÃO OU VOCAÇÃO (EM PERCENTAGEM) .....                      | 37 |
| GRÁFICO nº 14 – IMPORTÂNCIA DA EMRC (EM PERCENTAGEM) .....                       | 37 |
| GRÁFICO nº 15 – COM QUEM VIVES (EM PERCENTAGEM) .....                            | 38 |
| GRÁFICO nº 16 – ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO (EM PERCENTAGEM) .....                  | 38 |
| GRÁFICO nº 17 – É O IRMÃO MAIS VELHO OU O MAIS NOVO (EM PERCENTAGEM) .....       | 40 |
| GRÁFICO nº 18 – GOSTAS DE ESTUDAR (EM PERCENTAGEM) .....                         | 40 |
| GRÁFICO nº 19 – HORA A QUE OS ALUNOS SE LEVANTAM (EM PERCENTAGEM) .....          | 41 |

|   |    |
|---|----|
| GRÁFICO nº 20 – MEIO DE TRANSPORTE UTILIZADO PARA A ESCOLA (EM PERCENTAGEM) ..... | 41 |
| GRÁFICO nº 21 –TEMPO QUE DEMORA A CHEGAR À ESCOLA (EM PERCENTAGEM) .....          | 41 |
| GRÁFICO nº 22 –TEMPO DIÁRIO DE ESTUDO (EM PERCENTAGEM) .....                      | 42 |
| GRÁFICO nº 23 – ONDE HABITUALMENTE O ALUNO ESTUDA (EM PERCENTAGEM) .....          | 42 |
| GRÁFICO nº 24 – APOIO AO ESTUDO (EM PERCENTAGEM) .....                            | 43 |
| GRÁFICO nº 25 – OCUPAÇÃO DOS TEMPOS LIVRES (EM PERCENTAGEM).....                  | 43 |
| GRÁFICO nº 26 – PROFISSÃO OU VOCAÇÃO (EM PERCENTAGEM) .....                       | 44 |
| GRÁFICO nº 27 – ÉS CATÓLICO (EM PERCENTAGEM).....                                 | 45 |
| GRÁFICO nº 28 – COMPOSIÇÃO DA TURMA POR SEXO MASCULINO E FEMININO .....           | 77 |
| GRÁFICO nº 29 – UNIVERSO DAS IDADES DOS ALUNOS .....                              | 78 |
| GRÁFICO nº 30 – ÁREA DE ENSINO PRETENDIDA.....                                    | 78 |
| GRÁFICO nº 31 – OBJETIVOS PARA QUANDO CONCLUÍREM O ENSINO SECUNDÁRIO.....         | 79 |
| GRÁFICO nº 32 – MOTIVO QUE LEVA À ESCOLHA DA PROFISSÃO.....                       | 79 |
| GRÁFICO nº 33 – O QUE O ALUNO QUER MESMO .....                                    | 80 |
| GRÁFICO nº 34 – A PROCURA DA FELICIDADE COMO UMA VOZ OU ESTÍMULO DE DEUS .....    | 80 |
| GRÁFICO nº 35 – ORIENTAÇÕES NA PROCURA DA FELICIDADE.....                         | 81 |
| GRÁFICO nº 36 – ANGÚSTIA E PROBLEMAS NA PROCURA DE FELICIDADE.....                | 81 |
| GRÁFICO nº 37 – OS JOVENS DE HOJE, DE MODO GERAL .....                            | 82 |
| GRÁFICO nº 38 – IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA PARA OS JOVENS DE HOJE.....                | 83 |
| GRÁFICO nº 39 – VOCAÇÃO CRISTÃ IMPORTANTE PARA O CRESCIMENTO DO JOVEM.....        | 83 |
| GRÁFICO nº 40 – IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NA CONSTRUÇÃO DO PROJETO DE VIDA.....      | 83 |
| GRÁFICO nº 41 – PARA A QUESTÃO VOCACIONAL .....                                   | 84 |
| GRÁFICO nº 42 – OPINIÃO SOBRE O DIVÓRCIO .....                                    | 84 |
| GRÁFICO nº 43 – PRÁTICA RELIGIOSA .....   | 85 |
| GRÁFICO nº 44 – A IMPORTÂNCIA DA EMRC NOS HORIZONTES PARA A VIDA .....            | 85 |

|   |    |
|---|----|
| GRÁFICO Nº 45 - A PROCURA FELICIDADE COMO VOZ OU ESTÍMULO DE DEUS (2ª FICHA)..... | 86 |
| GRÁFICO Nº 46 – ORIENTAÇÕES NA PROCURA DA FELICIDADE (2ª FICHA) .....             | 87 |
| GRÁFICO Nº 47 – ANGÚSTIAS E PROBLEMAS NA PROCURA DA FELICIDADE (2ª FICHA) .....   | 88 |
| GRÁFICO Nº 48 - VOCAÇÃO CRISTÃ IMPORTANTE CRESCIMENTO DO JOVEM (2ª FICHA).....    | 88 |
| GRÁFICO Nº 49 – TER VOCAÇÃO PARA (2ª FICHA).....                                  | 89 |

## ÍNDICE DE QUADROS

|   |    |
|---|----|
| QUADRO Nº 1 - CARATERIZAÇÃO ACADÉMICA E PROFISSIONAL DOS PAIS (TURMA B) ..... | 31 |
| QUADRO Nº 2 – TEMAS EM DEBATE NO SEIO FAMILIAR DO ALUNO (TURMA B) .....       | 36 |
| QUADRO Nº 3 – CARATERIZAÇÃO ACADÉMICA E PROFISSIONAL DOS PAIS (TURMA D) ..... | 39 |
| QUADRO Nº 4 – TEMAS EM DEBATE NO SEIO FAMILIAR DO ALUNO (TURMA D) .....       | 44 |

## INTRODUÇÃO

“A família constitui, mais do que um mero núcleo jurídico, social e económico, uma comunidade de amor e de solidariedade que está adaptada de modo único para ensinar e transmitir valores culturais, éticos e religiosos, essenciais ao desenvolvimento e bem-estar dos próprios membros e da sociedade”.<sup>1</sup>

Numa sociedade em constante mudança, a família muda também. Na sua estrutura, na sua lógica, nos seus horizontes e nos teores dos seus projetos de socializar e educar. No entanto, é na família onde são transmitidos os valores e se educa para o compromisso e para a responsabilidade comunitária. Diretrizes estruturantes de um projeto que dão sentido à vida daquilo que somos e aquilo que seremos ao longo da nossa existência. Tendo em conta um projeto de vida, a família contribuiu para a transmissão de critérios, finalidades de vida e participa de forma primária na formação integral dos filhos que é hoje mais exigente e complexa face à atual realidade cultural.

Pensar a família, numa perspetiva de um projeto de vida, é hoje não só um tema atual como de extrema importância, tendo em conta a realidade socioeconómica opressora, o individualismo e a precaridade laboral que obriga, muitas vezes, ao afastamento geográfico e à ausência do seio familiar na procura da estabilidade financeira e do bem-estar económico, nem sempre compatível com a vivência familiar saudável.

Analisar e avaliar a importância da família na atual sociedade em constante mudança, passa por identificar o conjunto de características nucleares que a estruturam como um

---

<sup>1</sup> João Paulo II, *Exortação Apostólica Familiaris Consortio*, 121.

“projeto de vida”. Neste contexto, e como objetivo do nosso Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada (PES), pretendemos fazer uma análise integrativa das características que estruturam um “projeto de vida” de uma família cristã em resposta à questão de partida: *“Pode a vocação cristã ao matrimônio e à família constituir um projeto de vida cristã?”*.

Por conseguinte, estruturamos o relatório em três partes. Na primeira, referente à PES, faremos uma reflexão, no contexto da prática letiva, dos desafios e da missão do que é ser hoje professor de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) na escola e qual a sua importância na formação integral do aluno. Descreveremos, ainda, as razões que fundamentaram a escolha da Unidade Letiva 3 (UL3), “Projeto de Vida” e como caracterizamos o universo da escola e da turma do 9º ano onde decorreu a prática letiva, através da Ficha do Aluno. Na segunda parte, sustentaremos teoricamente o enquadramento teológico do relatório, recorrendo à metodologia de natureza qualitativa, sobretudo a partir da análise documental, através da revisão de literatura de artigos, revistas, livros, documentos da Igreja e outros consultados na Internet. Com efeito, e após uma breve análise histórica sobre a família, vamos analisar a perspetiva antropológica da família e particularizar a perspetiva teológica no decurso da análise Santíssima Trindade como origem e modelo relacional familiar da dinâmica sinodal. Por fim, na terceira parte, dedicada à “Família como projeto de vida”, descreveremos o que é um projeto de vida, mostraremos como está associado a uma opção de futuro, qual a importância da família na construção desse futuro e a opção familiar como projeto de vida. Terminaremos esta parte com uma breve análise quantitativa da Ficha de Referência da UL3 realizada aos alunos da turma do 9º ano onde decorreu a PES.

Finalmente, e em resposta à questão de partida, apresentaremos algumas considerações conclusivas no final do presente relatório.

## PARTE I – Reflexão no contexto da Prática Letiva

### 1. Ser professor de EMRC: um desafio, uma missão

*“É bela, portanto, e de grande responsabilidade, a vocação de todos aqueles que, ajudando os pais no cumprimento do seu dever e fazendo as vezes da comunidade humana, têm o dever de educar nas escolas. Esta vocação exige especiais qualidades de inteligência e coração, numa preparação esmeradíssima e uma vontade sempre pronta à renovação e adaptação”.*<sup>2</sup>

Hoje, os tempos de constante mudança social, política e económica, que vivemos, geradores de incertezas e de exigências, fazem com que o futuro e as expectativas dos jovens se apresentem como enorme provação, especialmente na sua educação e preparação dos jovens, para responderem expeditamente a tais desafios. Os problemas contemporâneos, de que são exemplo a desestruturação da família, a crescente multiculturalidade na sociedade, a corrosão dos direitos sociais, a banalização da delinquência, a desconfiança e o desinteresse e as dificuldades de integração, entre outros, trazem novos desafios e responsabilidades ao professor de EMRC, uma vez que a especificidade da disciplina ajuda à construção da individualidade e do “eu” integral do aluno, da pessoa humana.

De facto, ser professor de EMRC implica, sem dúvida, pensar no seu papel de cristão no mundo e na sua procura do sentido da sua tarefa. O seu papel é de facilitar a realização de

---

<sup>2</sup> CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Declaração A Educação Cristã, (Gravissimum Educationis)*, 5, Editorial A. O., Braga, 1983.

uma síntese entre cultura e fé. Assim sendo, o professor de EMRC tem uma identidade e funções que o distinguem dos outros. Pois, tem de ser considerado idóneo por parte do Bispo Diocesano, onde se encontra a escola e ver reconhecida a sua competência pedagógica<sup>3</sup>, sendo nomeados pelo Ministério da Educação. Deve ainda ter formação teológica atualizada (Mestrado em Ciências Religiosas), reconhecer a plenitude da Revelação em Jesus Cristo, estar consciente da centralidade do aluno no processo ensino-aprendizagem e fazer parte ativa da comunidade educativa. O Professor de EMRC deve ser crente, batizado e refletir na sua forma de viver os valores evangélicos, consciente da sua tarefa evangelizadora. Tal como o docente de qualquer outra área deve planificar o método ensino-aprendizagem; animar o processo, tornando-o real e coerente; controlar o procedimento realizando a sua avaliação e ajudar os alunos a ler a realidade e facilitar respostas que possam aclarar o sentido último da vida.

A especificidade da disciplina reside também no facto dos conteúdos programáticos serem da responsabilidade da Conferência Episcopal.<sup>4</sup> Por outro lado, trata-se de uma forma particular de evangelizar porque se realiza dentro de uma instituição civil (ao contrário da catequese, que normalmente acontece no espaço de uma comunidade crente), numa comunidade que pretende assegurar às crianças e aos jovens a consecução de objetivos de natureza científica, cultural e humana; é um processo educativo que prepara o sujeito para a sua formação integral numa situação real dentro da sociedade. Por outro lado, trata-se de uma disciplina com programa próprio, objetivos, finalidades, conteúdos, competências, atividades

---

<sup>3</sup> Decreto-Lei n.º 132/2012, de 27 de Junho; Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de Julho; Decreto-Lei n.º 70/2013, de 23 de Maio; Despacho n.º 6809/2014 de 23 de Maio.

<sup>4</sup> SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral Religiosa Católica*, Lisboa, 2014.

de aprendizagem, recursos pedagógicos, avaliação e técnicas próprias de avaliação<sup>5</sup>. É uma disciplina que tem um *corpus* com entidade pedagógica que justifica a sua presença interdisciplinar e globalizadora na escola, com especificidade própria fazendo referência à Transcendência e trabalhando a dimensão religiosa a partir da perspectiva com as características e a evangelização própria da Igreja, difundindo uma mensagem concreta<sup>6</sup>.

Um desafio particularmente visível em EMRC é o de educar a pessoa na sua totalidade, na sua integralidade. “Todo autêntico educador sabe que para educar é preciso dar algo de si mesmo e que só assim pode ajudar seus alunos a superar os egoísmos para poderem, por sua vez, ser capazes do autêntico amor.”<sup>7</sup> Nesta perspectiva, o professor de EMRC tem um papel decisivo no desenvolvimento do aluno como pessoa e como membro de uma sociedade, pois é ele que se preocupa em dar as linhas orientadoras para a descoberta da sua própria identidade e conseqüentemente desenvolver-se como pessoa humana nas suas diferentes dimensões. Outra questão, não menos desafiante para não dizer mais desafiante, é a missão profética da EMRC. Segundo o Professor João Lourenço:

“Cabe à EMRC uma missão profética, não tanto pelo que ensina, mas sim pelo espaço de reflexão, de partilha e de discernimento que pode constituir no quadro da escola de hoje e pelo dinamismo que pode incutir a todos aqueles que se envolvem nesta dinâmica: Docentes e Alunos. Esta é certamente uma motivação acrescida que não deve ser descurada nem

---

<sup>5</sup> *Ibidem*.

<sup>6</sup> INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS RELIGIOSA A DISTANCIA “San Agustín”, *Ensino Religioso Escolar*, Madrid, 2004.

<sup>7</sup> URBANO, E., “A identidade do docente de Educação Moral e Religiosa Católica”, in *Fórum Pensar a Escola, Preparar o Futuro. Revista de Catequese e Educação*, 23 (2012) 120.

subestimada, mas sim valorizada como constituindo uma mais-valia para a nossa sociedade e para a Igreja”.<sup>8</sup>

“A missão específica do professor de EMRC realiza-se em comunhão com Jesus Cristo e com a Igreja”<sup>9</sup>. Segundo o professor Fernando Moita, “o professor de EMRC está ao serviço da formação integral dos alunos, apresenta na escola a boa notícia de Jesus Cristo com todas as suas possibilidades.”<sup>10</sup> É bela, portanto, e de grande responsabilidade, a missão de ser professor de EMRC. Pois, ao professor de EMRC não lhe é apenas exigido tudo o que é exigível aos outros professores no que ao profissionalismo e às competências científica e pedagógica diz respeito, como também a diferença, dado que não lhes é apenas pedido a lecionação dos conteúdos programáticos propostos, mas o papel de contribuir fundamentalmente na formação integral do aluno, possibilitando-lhe pistas de crescimento e de superação de si mesmo com vista à sua realização pessoal e social. Por outras palavras, a especificidade da disciplina faz do “ser” professor de EMRC, um evangelizador quando vai ao encontro de cada aluno e contribui para o seu pleno desenvolvimento da personalidade e está aberto para toda a comunidade escolar. Ser professor e educador, é uma profissão “para ser vivida como tal, tem que ser vivida como um serviço, uma missão e um prazer, e que essa missão se dirige a todas as crianças.”<sup>11</sup> Por isso, hoje o professor de EMRC, como educador, não pode fechar-se nos programas e nos métodos, mas estabelecer com os alunos uma relação

---

<sup>8</sup> LOURENÇO, J., “Dimensão profética da EMRC A Escola, o Docente, o Educando Sinais proféticos da EMRC”, in *A Partir do Coração do Evangelho*. Evangelii Gaudium 178. *Revista de Catequese e Educação*, 31-32 (2015) 131.

<sup>9</sup> URBANO, Elisa, “A identidade do docente de Educação Moral e Religiosa Católica”, 123.

<sup>10</sup> MOITA, F., “A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual”, in *Pastoral Catequética*, 26 (2013) 68.

<sup>11</sup> SILVA, A. E., *Discurso de abertura, Ministro da Educação*, I Congresso de professores de Educação EMRC, Lisboa, 2001, 18.

de empatia e de proximidade que os ajudará a confrontar-se com os seus próprios valores. Na sua ação educativa deve garantir um diálogo sincero com os alunos e a confiança nas possibilidades de cada um, deve ser seguro das suas propostas e condescendente com as limitações dos alunos, nunca lhes negando a oportunidade de mudança. O seu trabalho, dentro e fora da sala de aula, tem que estar marcado pelo amor cristão, pela sensibilidade, pela verdade, pela fidelidade, pela solidariedade e pela alegria. É, segundo Dimas Pedrinho, “tarefa do anunciador cristão, dar testemunho da esperança. Esse constitui um dos grandes desafios atuais do professor de EMRC.”<sup>12</sup>

O professor de EMRC não pode nunca esquecer que na sua ação educativa deve apoiar a ação educativa da família, que é a primeira responsável pela educação dos filhos. Assim, “sendo a EMRC uma área disciplinar, espera-se do professor a adoção de procedimentos pedagógicos adequados ao tratamento da informação com o rigor e a sistematização correspondente a esse estatuto, à semelhança do que sucede com as demais áreas disciplinares”<sup>13</sup>. A missão do professor de EMRC é “contribuir para um desenvolvimento humano mais harmonioso e mais autêntico”<sup>14</sup>.

É por tudo isto que, ser professor de EMRC é um desafio e uma missão. É ele que ajuda à construção da individualidade do aluno e contribui para a sua formação global, ajudando-o a construir um projeto de realização pessoal e social e a encontrar respostas às interrogações fundamentais da vida, ao mesmo tempo que promove uma reflexão de natureza moral e religiosa sobre os problemas humanos.

---

<sup>12</sup>PEDRINHO, D. O., “A missão Evangelizadora em contexto escolar: desafios atuais ao professor de EMRC”, in *Fórum Pensar a Escola, Preparar o Futuro. Revista de Catequese e Educação*, 23 (2012) 35.

<sup>13</sup> PEDRINHO, D. O., “Competência Científica e Competência Educativa do Professor de Educação Moral e Religiosa Católica”, in *Educação Cristã. Revista de Catequese e Educação*, 21-22 (2012) 31.

<sup>14</sup> AMBROSIO, J., “Finalidades, Domínios de Aprendizagem e Metas Curriculares”, in *A Partir do Coração do Evangelho. Evangelii Gaudium 178, Revista de Catequese e Educação*, 31-32 (2015) 65.

## 2. Escolha e fundamentação da UL3

Numa “sociedade em constante mudança”, a família muda também, na sua estrutura, na sua lógica, nos seus horizontes e nos teores das suas práticas de socializar e educar, de tal modo que hoje, deparamo-nos com uma certa confusão em relação à dinâmica e à sua importância fundamental no desenvolvimento da pessoa. No entanto, é nela que conhecemos os nossos primeiros valores e recebemos as primeiras regras sociais, é onde fazemos a primeira experiência de sermos únicos e tomamos consciência de que cada uma das pessoas com quem nos relacionamos é única. Daí a grande necessidade de apreciar adequadamente a força da família, para poder responder aos desafios levantados pelas suas fragilidades de modo a fortalecer e promover aquilo que é a sua força e importância de sempre.

Consciente desta realidade que assombra a família atual - a degradação do tecido familiar, decorrente do crescente número de divórcios e do surgimento de novos tipos de organização familiar, o Papa Francisco convocou o Sínodo dos Bispos, na sua III Assembleia Geral extraordinária, em outubro de 2014<sup>15</sup>, para refletir sobre a vocação e a missão da família de hoje. Reflexão que foi aprofundada na XIV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, em outubro de 2015<sup>16</sup>. Na sequência destas Assembleias sinodais foi publicada no dia 8 de abril a Exortação Apostólica “*Amoris laetitia*”<sup>17</sup>.

---

<sup>15</sup> III ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, *Os desafios pastorais da família no contexto da evangelização*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2014.

<sup>16</sup> XIV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, *A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2.<sup>a</sup> edição, 2015.

<sup>17</sup> Tema desenvolvido no subcapítulo dedicado à dinâmica sinodal, na Parte II, ponto 3.3, 21-28. Apesar de ter sido divulgada no dia 8 de abril de 2016, esta exortação tem a assinatura a 19 de março – “Solenidade de São José – do ano 2016, quarto do meu Pontificado”, 229.

Porque é na família que aprendemos a compreender o mundo e damos início à nossa identidade e somos inseridos no processo de socialização, olhar para a família como um “Projeto de Vida” é perceber o seu papel de educar para os valores, para o compromisso e para a responsabilidade comunitária. Assim, refletir sobre a família a partir da perspectiva da construção do “Projeto de Vida” é analisar a estrutura onde se faz a verdadeira experiência de vida, pois são os pilares que sustentam o primeiro relacionamento da pessoa e a aprendizagem daquilo que somos e aquilo que seremos ao longo da nossa existência, uma vez que o “projeto de vida de cada pessoa ganha um significado especial porque se relaciona com o dom da vida e o valor e dignidade de cada ser humano”<sup>18</sup>.

Para que cada jovem possa elaborar o seu Projeto de Vida, a disciplina de EMRC é um valioso contributo para a sua formação, porque “os ajuda a refletir sobre eles próprios, sobre as grandes temáticas que afligem a humanidade, ao mesmo tempo que apresenta, com base no Evangelho de Jesus, propostas de esperança e de felicidade verdadeira – a todos projeta para o futuro, a todos torna coautores da vida em sociedade, impele à construção do Bem e à contemplação da beleza da verdade e do próprio Deus”<sup>19</sup>. Podemos então dizer, com João Lourenço<sup>20</sup>, que “a EMRC pode facultar aos formandos toda uma experiência e uma dinâmica de reflexão e de envolvimento social, religioso e espiritual que hoje em dia muitas famílias já não são capazes de dar nem de possibilitar àqueles que as constituem”.

O desafio do tema da UL3 - “Projeto de Vida”, é grande, o que nos pode levar por muitos e diversificados caminhos. Ainda assim, embora seja um desafio complexo, ele é

---

<sup>18</sup> SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Quero Ser*, Lisboa, 2015, 97.

<sup>19</sup> RAMOS, A., (Bispo de Aveiro), Nota Pastoral, *As aulas de EMRC, um projeto de vida*, 6 de junho 2015, <http://www.diocese-aveiro.pt/v2/?p=12791>, consultado em 20 março de 2016.

<sup>20</sup> LOURENÇO, J., “Dimensão profética da EMRC A Escola, o Docente, o Educando Sinais proféticos da EMRC”, in *A partir do coração do Evangelho*. *Evangelii Gaudium* 178. *Revista de Catequese e Educação*, 31-32 (2015) 131.

fascinante. Pelo que, escolher o tema “Família, um projeto de vida”, conteúdo integrante desta UL3, é refletir sobre o projeto de vida de cada pessoa, projeto que tem objetivos que dão sentido à vida. Objetivos que “passam pela consciência de que ninguém pode caminhar isolado quando a finalidade última é a procura e vivência da felicidade”<sup>21</sup>, que são promovidos na esfera familiar e são norteadores do caminho da pessoa como pessoa.

Neste sentido, esta UL3 é muito oportuna porque permite fazer uma reflexão da necessidade, junto dos alunos, de um projeto de vida numa perspetiva de formação integral da pessoa, no contexto de ensino aprendizagem a decorrer no terceiro período.

Tendo em conta esta UL3, e no âmbito do Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada, “Família, um projeto de vida”, pretendo responder à questão de partida “*Pode a vocação cristã ao matrimónio e à família constituir um projeto de vida cristã?*” e identificar os valores essenciais que estruturam a família católica e definem um “Projeto de Vida”.

### **3. Lecionação da UL3**

Tendo por base a fundamentação pedagógica do tema, de acordo com o programa<sup>22</sup> e manual do nono ano “Quero ser”<sup>23</sup>, estruturamos a planificação da prática pedagógica da UL 3 “O Projeto de Vida”. A lecionação desta unidade é organizada a partir da planificação de

---

<sup>21</sup> *Ibidem* 97.

<sup>22</sup> SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*.

<sup>23</sup> SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Quero Ser*.

nove aulas, de cinquenta minutos cada, onde apresentamos a descrição de aula a aula e descrevemos a metodologia seguida.

Segundo Arends, “a planificação do professor é uma determinante muito importante do que é ensinado nas escolas”<sup>24</sup>. De facto, uma “boa planificação envolve a distribuição do tempo, a escolha dos métodos de ensino adequados, a criação de interesses nos alunos e a construção de um ambiente de aprendizagem produtivo”<sup>25</sup>, pelo que planificar é determinante para a eficácia do processo ensino aprendizagem, visto que circunscreve o que deve ser ensinado e o tempo a dedicar a cada conteúdo. “A planificação aplicada a qualquer tipo de atividade melhora os resultados”<sup>26</sup>. Neste contexto, utilizamos na planificação das aulas<sup>27</sup> o modelo racional-linear porque este modelo “centra-se em definir primeiro as finalidades e depois seleccionar as estratégias específicas para atingir esses fins”<sup>28</sup>. Finalmente, segundo Cristina Sá Carvalho, “o currículo da disciplina acabará por ser percebido, moldado, ou seja, ele vai passar por uma Programação, por uma planificação, que é o resultado quase final da representação mental que os professores constroem sobre o Programa”<sup>29</sup>. Por fim, “uma boa planificação, que é sempre indispensável, exige que o docente adquira conhecimento sobre as turmas e os alunos, de modo a adaptar a leccionação tanto aos objetivos e conteúdos como à população discente”<sup>30</sup>.

---

<sup>24</sup> ARENDS, I. R., *Aprender a Ensinar*, Editora McGraw-Hill, Madrid, 2008, 93.

<sup>25</sup> *Ibidem*, 92.

<sup>26</sup> *Ibidem*, 95.

<sup>27</sup> Cf. CD do Portefólio Relatório de Estágio, 122-131.

<sup>28</sup> *Ibidem*, 93.

<sup>29</sup> SÁ CARVALHO, C., “Pressupostos epistemológicos e pedagógicos do desenvolvimento curricular em Educação Moral e Religiosa Católica, edição 2014”, in *A Partir do Coração do Evangelho*. *Evangelii Gaudium* 178. *Revista de Catequese e Educação*, 31-32 (2015) 34.

<sup>30</sup> SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 159.

Considerando-se que a “gestão do tempo de aula é uma tarefa difícil e complexa para os professores.”<sup>31</sup> e a gestão do espaço é importante para criar um ambiente adequado à aprendizagem, o professor deve saber gerir adequadamente os tempos, de acordo com os princípios da aprendizagem, e saber movimentar-se no espaço da sala de aula, assim como saber posicionar os alunos e os materiais, uma vez que a “forma como o espaço é usado influencia a forma como os participantes da aula se relacionam uns com os outros e o que os alunos aprendem”<sup>32</sup>.

Tendo em conta que a amizade e coesão “envolve o grau de respeito e valorização que os membros de uma sala de aula têm uns pelos outros, e a forma como os padrões de amizade nela existentes afetam o ambiente e a aprendizagem”,<sup>33</sup> ao longo de cada aula, procuramos criar um ambiente de respeito e valorização, propício às atitudes de saber ouvir e saber estar. Através de reforços positivos<sup>34</sup>, reforçamos a autoestima e a motivação<sup>35</sup> para a aprendizagem dos alunos, incentivando-os para o interesse e a curiosidade das temáticas ministradas e elogiando as tarefas bem realizadas.

Em consequência da caracterização da turma<sup>36</sup>, que nos definiu o conhecimento do universo socioeconómico e motivacional dos alunos para a disciplina de EMRC, delineamos a “utilização de estratégias motivadoras derivadas das perspetivas, assim como o da utilização de estratégias que ajudem um grupo de indivíduos a tornarem-se uma comunidade de

---

<sup>31</sup> *Ibidem*, 124.

<sup>32</sup> *Ibidem*, 126.

<sup>33</sup> *Ibidem*, 146.

<sup>34</sup> *Idem*, 139, “Um reforço positivo é um estímulo como uma recompensa, destinada a fazer com que as pessoas repitam um comportamento desejável”.

<sup>35</sup> *Idem*, 138, “a motivação é normalmente definida como o conjunto de processos que estimulam o nosso comportamento ou nos fazem agir.”

<sup>36</sup> Cf. CD do Portefólio Relatório de Estágio, 6-19.

aprendizagem produtiva”<sup>37</sup>. Por conseguinte, todas as aulas começaram com uma estratégia de motivação, de forma a criar o desejo do aluno em aprender, pois um aluno motivado para as aprendizagens esforça-se por ultrapassar as suas dificuldades, mantém-se concentrado, manifesta interesse e entusiasmo e toma a iniciativa quando lhe é dada a oportunidade. Através da estratégia do diálogo e de uma comunicação próxima, procuramos controlar e direcionar a participação dos alunos de modo a envolver os mais e os menos participativos nas atividades<sup>38</sup> da aula. Deste modo, privilegiámos a aula interativa, não expositiva, para que os alunos tivessem um papel mais ativo no processo ensino aprendizagem, evitando comportamentos de indisciplina e desinteresse, consequência da desmotivação. No seguimento do conhecimento do universo da turma<sup>39</sup>, procurámos adequar uma linguagem à faixa etária dos alunos, correlacionando as vivências e as realidades concretas dos alunos aos conhecimentos a transmitir. Pretendendo que os alunos assimilassem e compreendessem os conteúdos transmitidos com mais clareza e precisão, servimo-nos da apresentação em PowerPoint<sup>40</sup> e dos meios audiovisuais, proporcionando maior reflexão e discernimento. Recursos que nos permitiram melhorar o rendimento lecionado pois, segundo Dimas Pedrinho, são os que se “apresentam com maiores e melhores performances, fazendo deles veículos de transmissão de conhecimentos, de valores e de princípios”<sup>41</sup>.

---

<sup>37</sup> *Ibidem*, 152.

<sup>38</sup> *Ibidem*, 148.

<sup>39</sup> Cf. CD do Portefólio Relatório de Estágio, 6-19.

<sup>40</sup> *Ibidem*, 273; Cf. CD do Portefólio Relatório de Estágio, 163-183.

<sup>41</sup> PEDRINHO, D. O., “Competência Científica e Competência Educativa do Professor de Educação Moral e Religiosa Católica”, 34.

No que se refere à avaliação, esta “deve ser um processo contínuo e sistemático”<sup>42</sup> e constitui “um instrumento essencial da facilitação do sucesso educativo, uma ferramenta que permite ao professor e ao aluno corrigir e melhorar as suas trajetórias e até adaptá-las e potenciá-las entre si”<sup>43</sup>. No entanto, “a forma como a avaliação é levada a cabo na sala de aula de um professor tem um efeito direto na forma como os alunos estudam e o que aprendem”<sup>44</sup>. Ao longo das aulas, o parâmetro da avaliação esteve sempre presente pois “as avaliações que os alunos sentem mais e que mais impacto têm na sua aprendizagem são as que são concebidas e implementadas diariamente pelos professores na sala de aula”<sup>45</sup>. Tendo presente que as novas tecnologias estão cada vez mais presentes, aquando o término da UL3, foi elaborada e disponibilizada online a ficha de avaliação<sup>46</sup> através da aplicação Socrative<sup>47</sup>. De uma forma diferente do habitual os alunos realizaram-na através deste programa, recorrendo aos tablets previamente distribuídos a todos os alunos. Salienta-se a potencialidade deste programa que possibilita ao professor o acompanhamento da realização da ficha de cada aluno. O aluno, na aula de entrega e correção da ficha de avaliação recebe a mesma em suporte de papel já corrigida pelo programa de acordo com o que o professor elaborou na sua correção.

---

<sup>42</sup>SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral Religiosa Católica*, 160.

<sup>43</sup> *Ibidem*, 160.

<sup>44</sup> *Ibidem*, 213.

<sup>45</sup> *Ibidem*, 224.

<sup>46</sup> Cf. CD do Portefólio Relatório de Estágio, 133-142.

<sup>47</sup> <https://www.google.pt/#q=socrative>.

Finalmente, tal como no início e após o momento de acolhimento, seguido do sumário, fizemos uma breve síntese da aula anterior. No final conduzimos os alunos à síntese da aula em questão<sup>48</sup>.

Sintetizando, a experiência da lecionação proporcionou-me o desenvolvimento de competências pedagógicas e didáticas que serão, no futuro, aplicadas enquanto docente, para proporcionar uma maior interação e aprendizagem com os alunos.

#### **4. Caraterização do Agrup. de Escolas Monte da Lua e Escola D. Fernando II**

A Escola D. Fernando II situa-se na vila de Sintra, numa zona classificada pela UNESCO como Paisagem Cultural e Património da Humanidade desde 6 de dezembro de 1995. Constituem pontos de referência entre outros, o Palácio Nacional de Sintra, o Palácio da Pena, o Castelo dos Mouros, o Convento dos Capuchos, a Quinta da Regaleira e, naturalmente, a Serra com toda a sua envolvência.

Sintra situa-se a 27 km a noroeste de Lisboa e a ela está ligada por uma via rápida (IC 19) e por um caminho-de-ferro de densa circulação.

A vila tem cerca de vinte mil habitantes, divididos pelas suas antigas freguesias: Santa Maria e São Miguel, São Martinho, e São Pedro de Penaferrim – agora União das Freguesias de Sintra.

Sintra é sede de concelho e à sua volta desenvolvem-se diversos núcleos rurais e urbanos.

---

<sup>48</sup> Cf. CD do Portefólio Relatório de Estágio, 122-131; 163-183.

A Escola Básica 2,3 de D. Fernando II situa-se na Estefânia de Sintra e pertence à antiga freguesia de Santa Maria e S. Miguel.

Foi criada pela Portaria n.º 23600, de Setembro de 1968, funcionando então no atual edifício do Museu de Arte Moderna. Através da Portaria n.º 608/79, foi-lhe atribuída a designação de Escola Preparatória de Sintra, vindo mais tarde a recuperar o nome do seu patrono através do Decreto-Lei n.º 93/86. Em 1983 passou a funcionar nas atuais instalações, pelo Despacho n.º 25/ME/83 alargando-se ao 7º ano de escolaridade do então Ensino Unificado. Em 1990 recebeu a designação de Escola C+S, de acordo com o Diário da República n.º 230, publicado em 4 de Outubro. Em 1991 pelo Despacho Conjunto n.º 61/SEAM/SERE/91 a oferta de ensino foi alargada ao 8º ano de escolaridade e em 1992, generalizou-se ao 3º ciclo, passando a haver também turmas do 9º ano. Entretanto, face ao aumento da população escolar, em 1991 foi construído um pavilhão com onze salas (vulgo “Pavilhão Novo”). Em 1995, passou a denominar-se Escola Básica 2,3 - D. Fernando II. Em 2004 foi constituída sede do Agrupamento de Escolas com o mesmo nome.

Fernando de Saxe Coburgo-Gotha – patrono da escola – nasceu em Viena de Áustria a 29 de outubro de 1816. Em 1836 casou com D. Maria II. O nascimento do décimo primeiro filho, em 1853, custou a vida à rainha. Após a sua morte, por menoridade do príncipe herdeiro, D. Fernando ficou como regente do reino durante dois anos. Com a subida de D. Pedro V ao trono, D. Fernando "desapareceu" da vida política e dedicou-se exclusivamente às artes, a sua grande paixão. Em 1869 casou com a cantora suíça Elise Hensler, a quem foi dado o título de Condessa de Edla. Vítima de uma hemorragia provocada por uma queda, faleceu a 15 de dezembro de 1885, no Paço das Necessidades. Como reconhecimento do excelente legado cultural de D. Fernando II, o “Rei-artista”, a Sintra, a escola adotou-o como patrono. Atualmente, e como símbolo de identidade, o Dia da Escola comemora-se em 29 de outubro, dia do nascimento de D. Fernando II.

Desde o ano letivo 2012/2013 a Escola Básica 2/3 de D. Fernando II passou a fazer parte do Agrupamento de Escolas Monte da Lua constituído por três unidades orgânicas:

- Escola Secundária de Santa Maria (sede)
- Unidade de D. Fernando II
  - Escola Básica 2/3 de D. Fernando II;
  - Escola Básica 1/Jardim de Infância de Sintra;
  - Escola Básica 1/Jardim de Infância da Portela;
  - Escola Básica 1/Jardim de Infância de São Pedro;
  - Escola Básica 1/Jardim de Infância de Linhó;
  - Escola Básica 1/Jardim de Infância de Ranholas.
- Unidade de Colares
  - Escola Básica Integrada de Colares;
  - Escola Básica 1/Jardim de Infância de Mucifal;
  - Escola Básica 1/Jardim de Infância de Galamares;
  - Jardim de Infância de Azenhas do Mar.

Atualmente, num amplo espaço verde arborizado, a escola D. Fernando II é constituída por dois edifícios com dois andares cada, um pavilhão gimnodesportivo (construído em 2002), uma sala/bar de alunos (construída em 2005), dois campos de jogos e balneários. Em 2007 foi montado um pavilhão provisório com duas salas pré fabricadas que ainda hoje albergam alunos do secundário.

No edifício mais antigo, além de atividades letivas, funcionam os serviços: coordenação, secretaria, biblioteca/centro de recursos, papelaria/reprografia, sala de atendimento aos encarregados de educação, sala de professores, sala de diretores de turma,

sala de pessoal, refeitório e bar de professores (quase sempre encerrado por falta de assistentes operacionais).

As salas de aula estão todas equipadas com material informático que permite uma dinâmica mais atrativa na lecionação, segundo Arends “As apresentações em multimédia, por exemplo, são mais interessantes e eficazes do que algumas palavras escritas no quadro.”<sup>49</sup>

A falta de espaços exteriores cobertos e a reduzida área da sala de alunos (100 m<sup>2</sup>) constituem constrangimentos ao normal funcionamento em dias de chuva, assim como o acidentado do terreno. É ainda de referir como constrangimento o notório desgaste das instalações e a falta de verbas para proceder a reparações e pinturas.

“Durante grande parte do século XIX, as escolas tinham poucos objetivos e o papel dos professores era bastante simples comparado com o de hoje. Os principais objetivos da educação do século XIX, eram as competências básicas de leitura e de aritmética, sendo os programas escolares dominados pelo que mais tarde se tornou de três Rs: ler, escrever e contar. Não era obrigatório (nem esperado) que a maioria dos jovens frequentasse a escola, e aqueles que o faziam apenas ficavam por curtos períodos de tempo”<sup>50</sup>

Neste contexto a escola D. Fernando II tem sofrido um crescimento ao longo dos anos, daí a falta de espaços exteriores em dias de chuva e o desgaste das instalações. Não esqueçamos que acolhe não só o segundo e terceiro ciclos, mas tem quatro turmas de ensino secundário que, por falta de salas de aula na Escola Secundária de Santa Maria, foram colocadas em dois pré fabricados dentro deste espaço escolar.

Atualmente a escola D. Fernando II acolhe 790 alunos (224 do 2º ciclo; 446 do 3º ciclo e 120 do secundário) e 85 professores (13 dos quais do ensino secundário), tem 32

---

<sup>49</sup> ARENDS, I R., *Aprender a Ensinar*, Editora McGrawHill, Madrid, 2008, 19.

<sup>50</sup> *Ibidem*, 5

turmas do ensino regular, uma das quais de percurso curricular alternativo, e duas turmas de curso vocacional básico de 3º ciclo. Todas as turmas da escola têm alunos inscritos na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica à exceção de duas turmas do ensino secundário. A percentagem total de alunos inscritos na disciplina ronda os 50%.

Os alunos que frequentam a escola D. Fernando II – globalmente bem comportados e com bons resultados académicos – formam dois grupos distintos:

- a) Alunos provenientes de uma área com características urbanas (tipo “dormitório”) em que os pais e encarregados de educação, com um nível médio de escolaridade, têm os seus empregos no sector da indústria, do comércio e serviços, cujas possibilidades económicas são consideradas satisfatórias. São em regra pais mais ocupados, por vezes menos disponíveis para o diálogo com os filhos e com a escola, por escassez de tempo;
- b) Alunos oriundos de comunidades/culturas diversas, nomeadamente eslavos, chineses e brasileiros. “A existência desta multiculturalidade faz com que os educadores, onde também estão inseridos os professores, devam assegurar que todos os jovens tenham as mesmas oportunidades de aprender”<sup>51</sup>, como nos diz Richard Arends.

O corpo docente da escola é estável e experiente, o que faz toda a diferença na organização e vivência da escola e no processo de ensino-aprendizagem. Segundo R. Arends, o ensino baseia-se nas experiências dos professores e na sabedoria da prática e “a tarefa de ensinar os jovens é demasiado importante e complexa para ser deixada à mercê dos pais ou das estruturas informais de tempos passados. A sociedade moderna precisa de escolas dotadas de professores competentes que instruem e cuidem das crianças enquanto os pais

---

<sup>51</sup> *Ibidem*, 44.

trabalham”.<sup>52</sup> Ora o corpo docente da escola D. Fernando parece servir muito bem estas exigências. É perceptível que os professores se preocupam com os seus alunos e que se sentem responsáveis pela sua aprendizagem fazendo com que sejam independentes e autorregulados. Para tal motivam-nos e facilitam a sua aquisição de conhecimentos, extrapolando-os também para fora da sala de aula.

É igualmente notória a dedicação das assistentes operacionais, muito abaixo do rácio e portanto demasiado sobrecarregadas de trabalho, sempre disponíveis para assegurar a manutenção da escola.

A Associação de Pais e Encarregados de Educação da Escola D. Fernando, tradicionalmente muito interventiva, está no presente ano letivo em remodelação dado que a maioria dos seus elementos deixou de ter filhos/educandos neste estabelecimento de ensino.

É ainda de referir como caracterização da escola o cuidado em dar visibilidade à disciplina de EMRC. Num espaço central estão expostas muitas fotografias das atividades realizadas pela disciplina. É importante ensinar o aluno a encontrar novas formas de conhecimento além da sala de aula, e estas experiências de identificação ajudam os alunos a construir uma dimensão de corpo.

Concluo salientando o muito bom ambiente que se respira nesta escola onde, apesar dos constrangimentos (instalações degradadas, falta de funcionários, alguns alunos com famílias desestruturadas, falta de verbas, etc), as pessoas parecem felizes.

---

<sup>52</sup> *Ibidem*, 4.

#### **4.1. Caraterização das Turmas B e D do 9º Ano**

Caracterizar adequadamente a turma é uma mais-valia para o processo de ensino aprendizagem que se pretende desenvolver, na medida em que nos permite ter uma compreensão de alguns fenómenos sociais em sala de aula e uma adequação de técnicas e métodos de ensino à turma. Com efeito, o conhecimento do universo socioeconómico e motivacional dos alunos para a disciplina de EMRC promove a eficácia da planificação da aula e o seu cumprimento, pois o sucesso depende da “utilização de estratégias motivadoras derivadas das perspetivas, assim como o da utilização de estratégias que ajudem um grupo de indivíduos a tornarem-se uma comunidade de aprendizagem produtiva”<sup>53</sup>.

Por conseguinte, estruturei a caracterização das turmas B e D, do 9º ano, (Anexo A) de modo que a informação recolhida, aos alunos em sala de aula, seria utilizada na rentabilização das estratégias de aprendizagem da disciplina de EMRC, bem como na criação de dinâmicas de consolidação e interiorização de conhecimentos transmitidos. Quanto ao tratamento de dados, quantifiquei os dados registados, utilizando como ferramenta de análise a folha de Excel.

##### **4.1.1. Caraterização da Turma B, 9º ano**

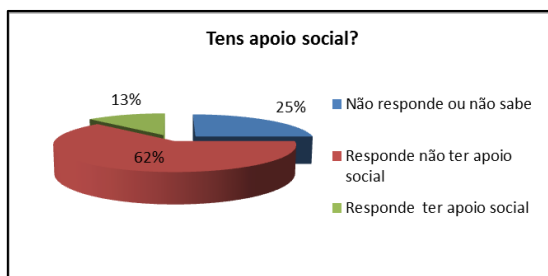
A turma em questão é constituída por 27 alunos, dos quais oito estão inscritos na disciplina de EMRC, todos de nacionalidade portuguesa, sendo 6 do sexo masculino e 2 do

---

<sup>53</sup> *Ibidem*, 152.

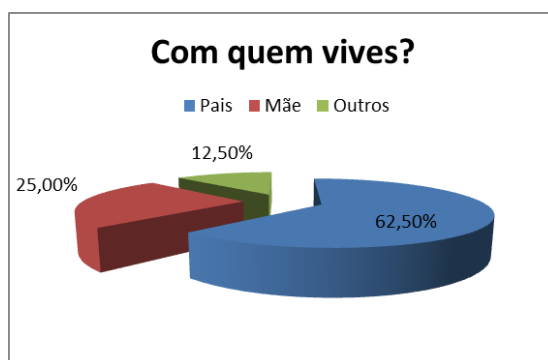
sexo feminino, com idades compreendidas entre os 13 e os 14 anos. Os alunos são provenientes da Vila de Sintra.

Quanto a usufruir de apoio social, 25% dos alunos não responde ou não sabe (2 alunos), 13% diz ter (1 aluno) e 63% diz não ter o referido apoio – Gráfico nº 1.



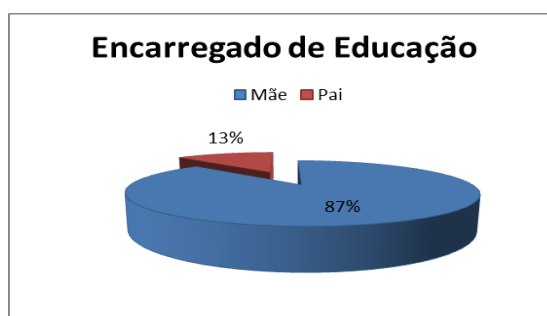
**Gráfico nº 1 – Apoio Social (em percentagem)**

Passando para a análise do ambiente familiar podemos observar que 62,5% dos alunos vive com os pais (5 alunos), existindo no entanto 25% que vive com a mãe (2 alunos) e 12,5% com outros (1 aluno) - Gráfico nº 2.



**Gráfico nº 2 – Com quem vives (em percentagem)**

Quanto aos Encarregados de Educação (EE), a sua grande maioria é constituída pelas mães 87% (de 7 alunos) e apenas 13% (de 1 aluno) pelo pai - Gráfico nº 3.



**Gráfico nº 3 – Encarregados de Educação (em percentagem)**

No que diz respeito à idade do pai, embora apenas 62,5% tenha respondido conhecer a respetiva idade (5 alunos), 80% dos que responderam têm pai com idade inferior a 50 anos (4 alunos) e 20% superior ou igual a 50 anos (1 aluno). Quanto à idade da mãe, apenas 75% dos alunos responderam conhecer a sua idade (6 alunos), 100% tem idade inferior a 50 anos. Relativamente às habilitações literárias e profissão do pai e da mãe, dos elementos da turma de que conhecemos estes dados, um aluno (12,5%) não respondeu em relação ao pai, conforme podemos constatar no seguinte quadro resumo - Quadro nº 1.

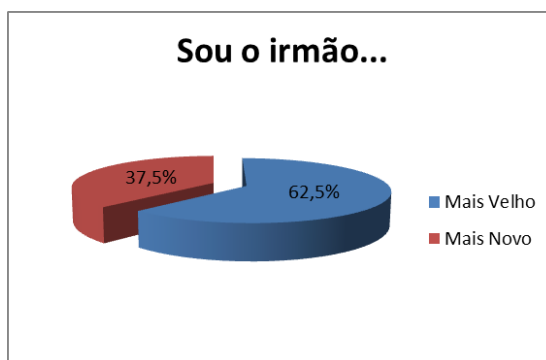
| Nº do Aluno | Pai              |             | Mãe                      |             |
|-------------|------------------|-------------|--------------------------|-------------|
|             | Profissão        | Habilitação | Profissão                | Habilitação |
| 1           | Professor        | Licenciado  | Ed. Infância             | Licenciada  |
| 8           | Designer         | -           | Empresária               | -           |
| 9           | -                | -           | Técnica Vendas           | -           |
| 10          | Militar          | -           | Eng <sup>a</sup> Química | Licenciada  |
| 17          | Pintor Plástico  | -           | Ag. Imobiliária          | 12º Ano     |
| 20          | Vendedor         | 12º Ano     | Contabilista             | 12º Ano     |
| 25          | Chefe Financeira | -           | Bancária                 | -           |
| 26          | Arquiteto        | Licenciado  | Economista               | Licenciado  |

**Quadro nº 1 - Caracterização académica e profissional dos pais (turma B)**

Da análise precedente concluímos que dos que responderam conhecer as habilitações do pai e da mãe (pai: 3 alunos – 37,5%; mãe: 5 alunos – 62,5%), 66,7% dos pais (de 2 alunos)

e 60% das mães (de 3 alunos) são licenciados; 33,3% dos pais (de 1 aluno) e 40% das mães têm o 12º Ano (de 2 alunos) e, por fim, 62,5% e 37,5% dos alunos dizem desconhecer as habilitações académicas do pai (5 alunos) e da mãe (3 alunos) respetivamente.

No que se refere à resposta às questões “Tens irmãos?” e se sim, és o “mais velho” ou o “mais novo”, 100% tem irmãos e 62,5% dos quais (5 alunos) são o filho mais velho, como podemos observar no Gráfico nº4.



**Gráfico nº 4 – É o irmão mais velho ou o mais novo (em percentagem)**

Quanto à análise motivacional dos elementos da turma para estudar, embora não se verifique no universo da turma repetentes, constatamos que apenas 87,5% dizem gostar de estudar (7 alunos) e os restantes 12,5% (1 aluno) manifestaram não gostar de estudar, conforme o graficado no Gráfico nº 5.

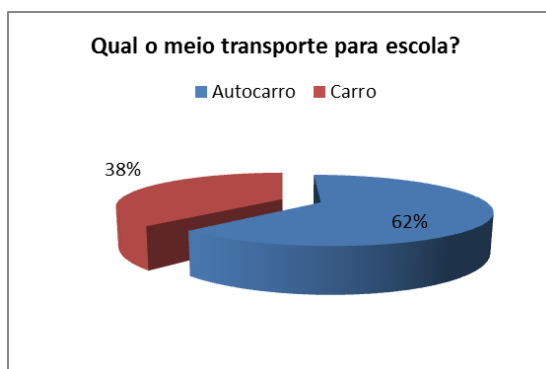


**Gráfico nº 5 – Gostas de estudar (em percentagem)**

No que respeita aos hábitos de se deitar e levantar, embora o levantar esteja condicionado aos tempos de cumprimento de horários do meio de transporte para a escola, os alunos dizem deitar-se entre as 22 e as 23 horas (8 alunos). Condicionados ao cumprimento dos horários dos meios transportes e obrigações de horário escolar, 37,5% levantam-se antes das 7 horas (3 alunos) e 62,5% entre as 7 e as 7.30 horas (5 alunos) – Gráfico nº 6. Observamos no Gráfico nº 7 que, 62,5% deste universo de alunos utiliza como meio de transporte para a escola o autocarro (5 alunos) e 37,5% o carro (3 alunos).

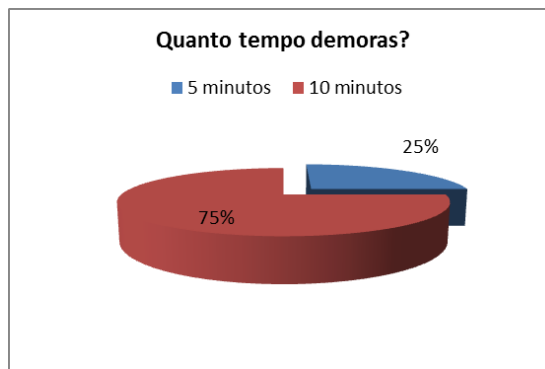


**Gráfico nº 6 – Hora a que os alunos se levantam (em percentagem)**



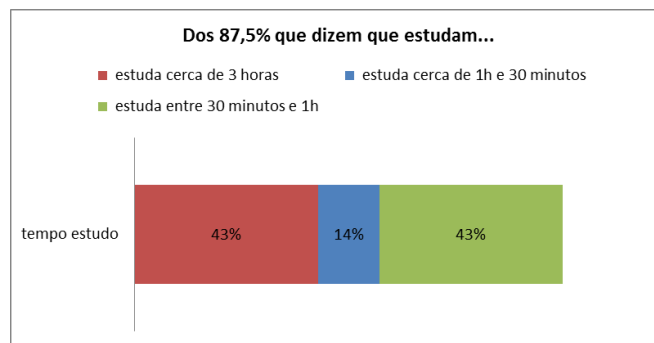
**Gráfico nº 7 – Meio de transporte utilizado para a escola (em percentagem)**

Em resposta ao tempo que demora a chegar à escola, 75% dizem demorar 10 minutos (6 alunos) e os restantes 25% dos alunos 10 minutos (2 alunos) respetivamente – Gráfico nº 8.



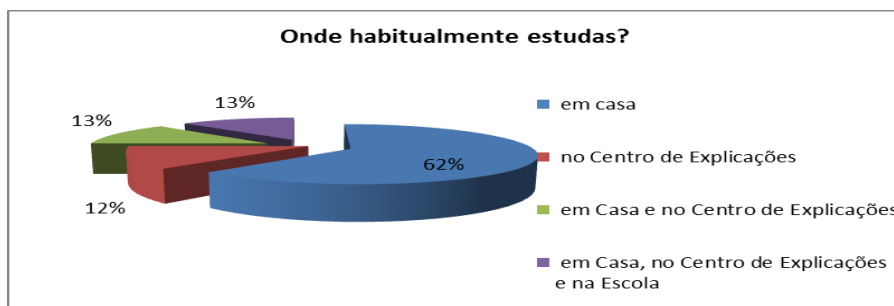
**Gráfico nº 8 – Tempo que demora a chegar à escola (em percentagem)**

Quanto ao tempo de estudo dedicado diariamente, onde habitualmente estuda e se tem ajudas ao estudo, dos 87,5% que dizem que estudam diariamente (7 alunos), 43% dizem estudar cerca de 3 horas (3 alunos), 14% cerca de 1h30m (1 aluno) e por fim 43% entre os 30 minutos e 1 hora (3 alunos) – Gráfico nº 9.



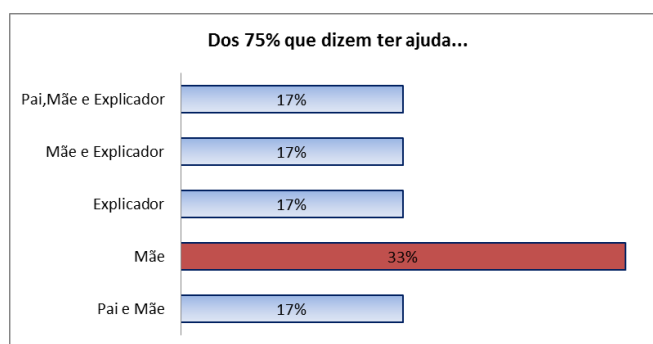
**Gráfico nº 9 – Tempo diário dedicado ao estudo (em percentagem)**

Constatamos ainda que habitualmente 62% dizem estudar em casa (5 alunos), 13% respetivamente no Centro de Explicações (1 aluno), em casa e no Centro de Explicações (1 aluno) e por fim em casa, Centro de Explicações e escola (1 aluno) - Gráfico nº 10.



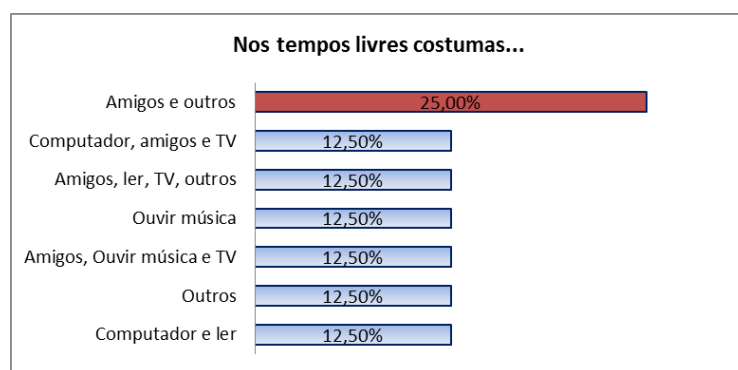
**Gráfico n° 10 – Onde habitualmente o aluno estuda (em percentagem)**

Em relação à resposta à questão se tem ajudas ao estudo, dos 75% que dizem ter ajuda (6 alunos), 33% dizem ter o apoio só da mãe (2 alunos) e os restantes 17% dizem respetivamente ser apoiados pela mãe e explicador (1 aluno), pelo explicador (1 aluno) e pela mãe, o pai e o explicador (1 alunos) – Gráfico n° 11.



**Gráfico n° 11 – Apoio ao estudo (em percentagem)**

Relativamente à ocupação dos tempos livres, as motivações são diferenciadas individualmente, como podemos verificar no Gráfico n° 12. Das quais são de realçar os 25% de preferência pelo convívio com os amigos e pelas relações indiferenciadas (2 alunos).



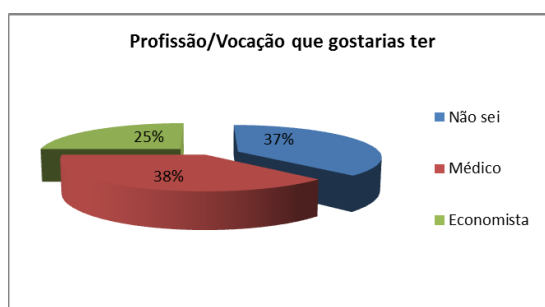
**Gráfico nº 12 – Ocupação dos tempos livres (em percentagem)**

Quando interrogados acerca de que temas são normalmente debatidos no seio familiar, os elementos da turma responderam de acordo com o descrito no Quadro nº 2. Estatisticamente, 38% dizem debater habitualmente todos os indicadores em questão (3 alunos); 25% discutem os resultados escolares, as perspetivas de futuro e a situação do país e do mundo (2 alunos) e 13% discutem respetivamente: apenas os resultados escolares (1 aluno); os resultados escolares, as perspetivas de futuro e as questões éticas e morais (1 aluno) e por fim, discutem de tudo o referenciado exceto os resultados escolares morais (1 aluno).

| Nº do Aluno | Situação familiar | Resultados escolares | Perspetivas de futuro | Situação do País e do mundo | Questões éticas e morais |
|-------------|-------------------|----------------------|-----------------------|-----------------------------|--------------------------|
| 1           | S                 | S                    | S                     | S                           | S                        |
| 8           | S                 |                      | S                     | S                           | S                        |
| 9           | S                 | S                    | S                     | S                           | S                        |
| 10          |                   | S                    | S                     | S                           |                          |
| 17          |                   | S                    |                       |                             |                          |
| 20          |                   | S                    | S                     |                             | S                        |
| 25          |                   | S                    | S                     | S                           |                          |
| 26          | S                 | S                    | S                     | S                           | S                        |

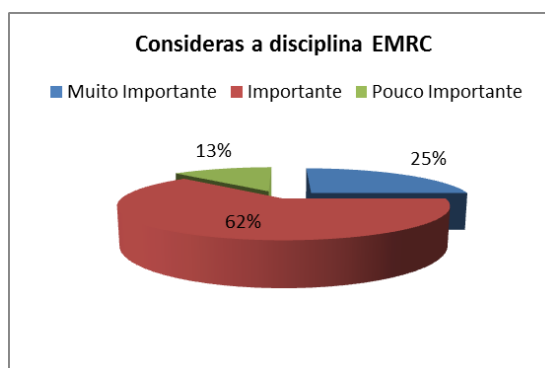
**Quadro nº 2 – Temas em debate no seio familiar do aluno (turma B)**

Quanto ao que para os alunos é o mais importante numa profissão, 75% respondeu que “é gostar do que se faz” (6 alunos), 12,5% “ganhar bem” (1 aluno) e por fim um outro diz que é “gostar do que se faz”, “ganhar bem” e “porque é uma obrigação” (1 aluno). Por conseguinte e em resposta ao que gostariam de ser e ou qual a sua vocação, 38% não tem opinião formada (3 alunos), 38% gostaria de ser médico (3 alunos) e 25% economista (2 alunos) – Gráfico nº 13.



**Gráfico nº 13 – Profissão ou vocação (em percentagem)**

Por último, foi analisada a perceção dos alunos quanto à importância da disciplina de EMRC para a sua formação enquanto cidadãos. 25% dos alunos considera a disciplina muito importante (2 alunos), 62% importante (5 alunos) e 13% pouco importante (1 aluno) - Gráfico nº 14. No entanto quando questionados se são católicos, 100% dizem ser católicos (8 alunos).



**Gráfico nº 14 – Importância da EMRC (em percentagem)**

#### 4.1.2. Caraterização da Turma D, 9º ano

A turma é constituída por 26 alunos, dos quais sete estão inscritos na disciplina de EMRC, todos de nacionalidade portuguesa, sendo 5 do sexo masculino e 2 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 13 e os 15 anos. Os alunos são provenientes da vila de Sintra.

Passando à análise do ambiente familiar podemos observar que maioritariamente, 57,1% dos alunos vive com os pais (4 alunos), existindo no entanto 28,57% que vivem com a mãe (2 alunos) e 14,29% com outros (1 aluno) - Gráfico nº15.

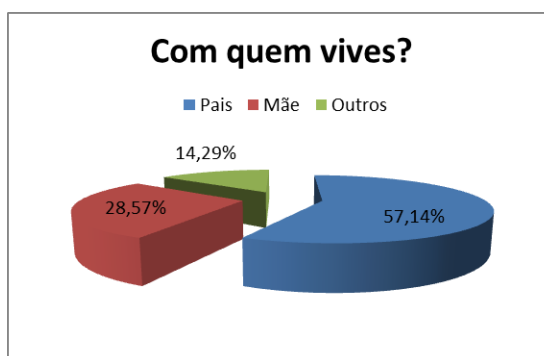


Gráfico nº 15 – Com quem vives (em percentagem)

Quanto aos Encarregados de Educação (EE), a sua grande maioria é constituída pelas mães 86% (de 6 alunos) e apenas 14% (de 1 aluno) pelo pai, conforme podemos verificar no gráfico nº 16.

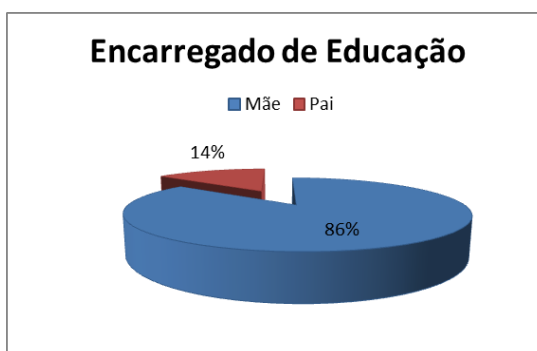


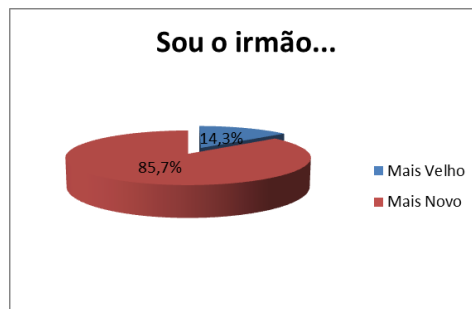
Gráfico nº 16 – Encarregados de Educação (em percentagem)

No que diz respeito à idade do pai, embora um aluno não tenha respondido, 67% tem idade inferior a 50 anos (de 4 alunos) e 33% superior ou igual a 50 anos (de 2 alunos). Quanto às idades da mãe, 71% tem idade inferior a 50 anos (de 5 alunos) e 29% superior ou igual a 50 anos (de 2 alunos). Relativamente às habilitações literárias e profissão do pai e da mãe, dos elementos da turma de que conhecemos estes dados, pois 14% (1 aluno) não respondeu, observa-se o seguinte no Quadro nº 3:

| Nº do Aluno | Pai          |                       | Mãe          |                       |
|-------------|--------------|-----------------------|--------------|-----------------------|
|             | Profissão    | Habilitação literária | Profissão    | Habilitação literária |
| 2           | Desempregado | -                     | Contabilista | -                     |
| 3           | TOC          | 12º Ano               | TOC          | Licenciada            |
| 6           | Empresário   | 12º Ano               | Secretária   | -                     |
| 8           | -            | -                     | Advogada     | Licenciada            |
| 11          | Engenheiro   | Licenciado            | Professora   | Licenciada            |
| 23          | Piloto       | 12º Ano               | -            | -                     |
| 27          | IEFP         | -                     | IEFP         | -                     |

**Quadro nº 3 – Caracterização académica e profissional dos pais (turma D)**

Da precedente análise concluímos que dos 86% que responderam, 17% dos pais (1 aluno) e 50% das mães (de 3 alunos) são licenciados; 50% dos pais (de 3 alunos) têm o 12º ano e, por fim, 33% e 50% dos alunos dizem desconhecer as habilitações académicas do pai (2 alunos) e da mãe (3 alunos) respetivamente. No que se refere à resposta às questões “Tens irmãos?” e se sim, és o “mais velho” ou o “mais novo”, 100% tem irmãos e 85,7% dos quais (6 alunos) são o filho mais novo - Gráfico nº17.



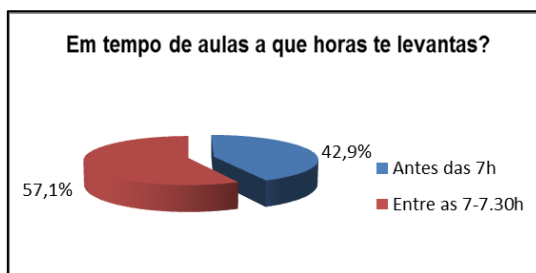
**Gráfico nº 17 – É o irmão mais velho ou o mais novo (em percentagem)**

Quanto à análise motivacional dos elementos da turma para estudar, embora se verifique no universo da turma dois alunos repetentes, constata-se que apenas 57,1% diz “gostar de estudar” (4 alunos) e os restantes 42,9% (3 alunos) manifestaram “não gostar de estudar”, conforme o graficado no Gráfico nº 18.



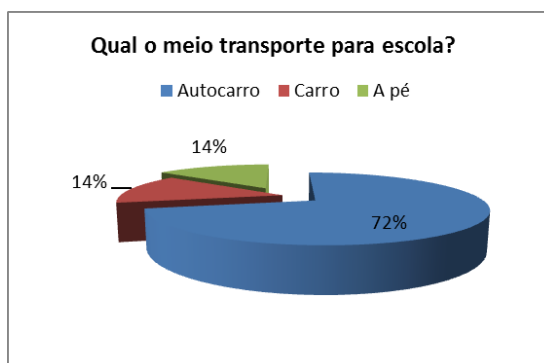
**Gráfico nº 18 – Gostas de estudar (em percentagem)**

No que respeita aos hábitos de se deitar e levantar, embora o levantar esteja condicionado aos tempos de cumprimento de horários do meio de transporte para a escola, 28% (2 alunos) diz deitar-se por volta das 9:30h e os restantes 72% entre 22 e as 23 horas (5 alunos). Condicionados ao cumprimento dos horários dos meios transportes e obrigações de horário escolar, 43% levanta-se antes das 7 horas (3 alunos) e 57% entre as 7 e as 7:30 horas (4 alunos) – Gráfico nº 19.



**Gráfico nº 19 – Hora a que os alunos se levantam (em percentagem)**

Observa-se ainda que 72% deste universo de alunos utiliza como meio de transporte para a escola o autocarro (5 alunos), 14% o carro (1 aluno) e 14% vai a pé (1 aluno) - Gráfico nº 20.



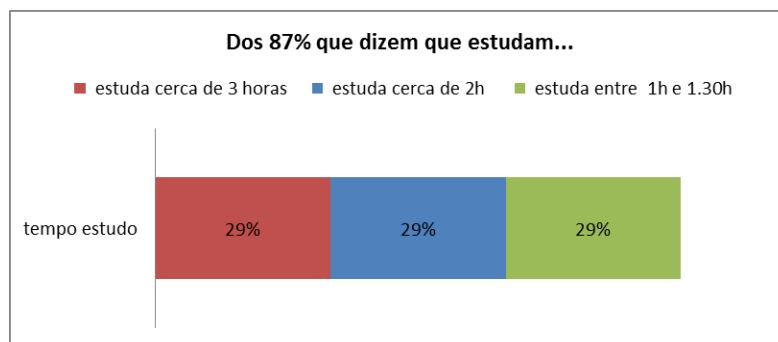
**Gráfico nº 20 – Meio de transporte utilizado para a escola (em percentagem)**

Em resposta ao tempo que demora a chegar à escola, 72% diz demorar 15 minutos (5) e os restantes alunos 14%, 5 minutos (1) e 25 minutos (1) respetivamente – Gráfico nº 21.



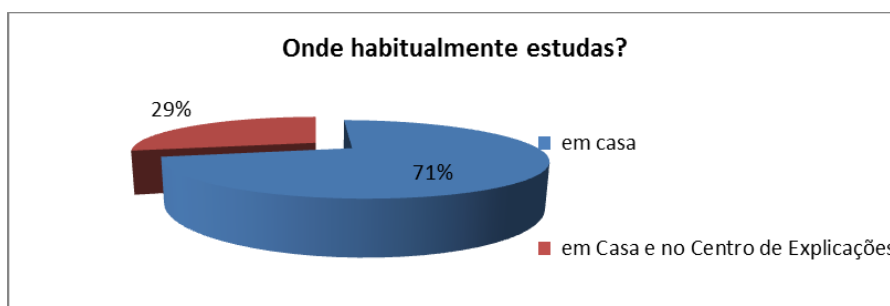
**Gráfico nº 21 – Tempo que demora a chegar à escola (em percentagem)**

Quanto ao tempo de estudo, onde habitualmente estuda e se tem ajudas no estudo, dos 86% que diz que estuda diariamente (6 alunos), 29% diz estudar respetivamente cerca de 3 horas (2 alunos), 2 horas (2 alunos) e por fim entre 1 a 1:30h por dia (2 alunos) – Gráfico nº 22.



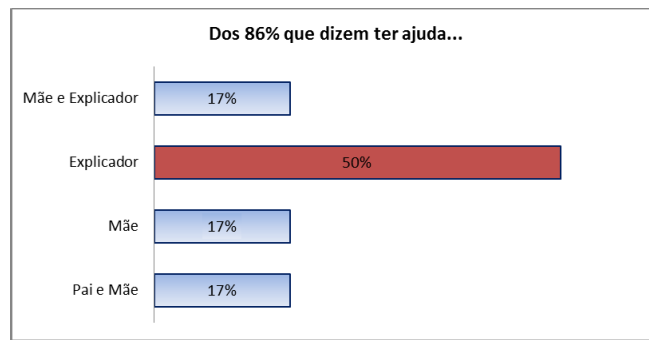
**Gráfico nº 22 – Tempo diário de estudo (em percentagem)**

Habitualmente 71% diz estudar em casa (5 alunos) e os restantes 29% em casa e no centro de explicações (2 alunos) – Gráfico nº 23.



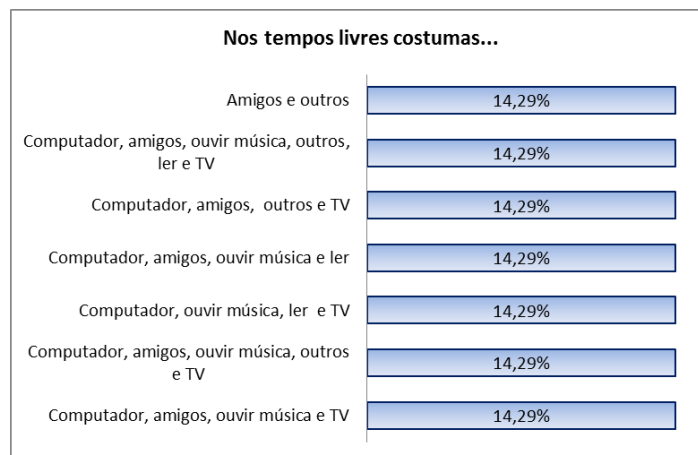
**Gráfico nº 23 – Onde habitualmente o aluno estuda (em percentagem)**

Em relação à resposta à questão se tem ajudas no estudo, dos 86% que diz ter ajuda no estudo (6 alunos), 50% diz ter o apoio do explicador (3 alunos) e os restantes 17% diz respetivamente ser apoiado pela mãe e explicador (1 alunos), só pela mãe (1 alunos) e pela mãe e o pai (1 alunos) – Gráfico nº 24.



**Gráfico nº 24 – Apoio ao estudo (em percentagem)**

Relativamente à ocupação dos tempos livres, as motivações são diferenciadas individualmente, como podemos verificar no Gráfico nº 25.



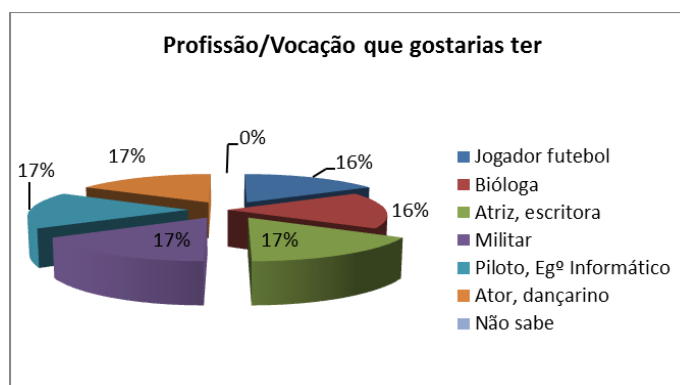
**Gráfico nº 25 – Ocupação dos tempos livres (em percentagem)**

Quando interrogados acerca de que temas são normalmente debatidos no seio familiar, os elementos da turma responderam de acordo com o descrito no Quadro nº 4. Estatisticamente, 71% diz debater habitualmente todos os indicadores em questão (5 alunos) e 14% diz respetivamente discutir todos os temas exceto a situação familiar (1 aluno) e por último um aluno diz que, no seu ambiente familiar, se debate apenas a situação familiar.

| Nº do Aluno | Situação familiar | Resultados escolares | Perspetivas de futuro | Situação do País e do mundo | Questões éticas e morais |
|-------------|-------------------|----------------------|-----------------------|-----------------------------|--------------------------|
| 2           | S                 | S                    | S                     | S                           | S                        |
| 3           | S                 | S                    | S                     | S                           | S                        |
| 6           | S                 | S                    | S                     | S                           | S                        |
| 8           | S                 | S                    | S                     | S                           | S                        |
| 11          | S                 | S                    | S                     | S                           | S                        |
| 23          |                   | S                    | S                     | S                           | S                        |
| 27          | S                 |                      |                       |                             |                          |

**Quadro nº 4 – Temas em debate no seio familiar do aluno (turma D)**

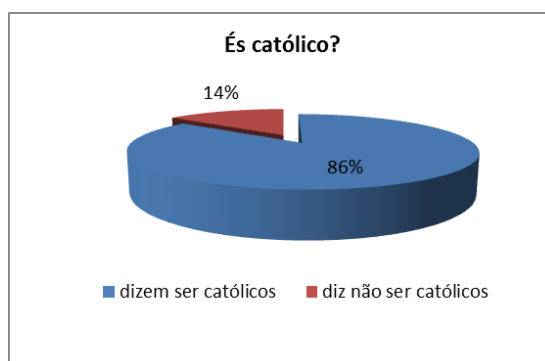
Quanto ao que para os alunos é o mais importante numa profissão, todos responderam que “é gostar do que se faz” (100%). Em resposta ao que gostariam de ser e ou qual a sua vocação, 86% tem opinião formada (6 alunos). Dos quais cada um quer ser: jogador de futebol; bióloga, atriz ou escritora; militar; piloto ou engenheiro informático e por fim ator ou dançarino – Gráfico nº 26.



**Gráfico nº 26 – Profissão ou vocação (em percentagem)**

Relativamente à perceção dos alunos quanto à importância da disciplina de EMRC para a sua formação enquanto cidadãos, 100% considera a “disciplina importante”. No

entanto quando questionados se és católico, 86% dizem “ser católicos” (6 alunos) e 14% declara não o ser (1 aluno) – Gráfico nº 27.



**Gráfico nº 27 – És católico (em percentagem)**

#### **4.2. Apreciação global**

De um modo geral os alunos destas turmas são bastante perspicazes, demonstrando interesse e envolvimento nas atividades propostas. Ainda assim, é natural que existam alunos menos participativos e um pouco tímidos, pelo que tenho de promover uma comunicação de proximidade e interativa de modo a reforçar a sua motivação para a participação e a não os deixar passar despercebidos no decorrer das aulas e dinâmicas propostas.

## PARTE II – Enquadramento teológico

### 1. Breve análise histórica sobre a família

Etimologicamente, a palavra “Família” deriva do latim *famulus*, que significa *escravo doméstico*. Palavra que teve origem na Roma Antiga para designar o conjunto de pessoas submetidas ao poder da autoridade do *pater familias*. Esta estrutura familiar patriarcal era constituída não apenas pelos descendentes e esposa como também pelos escravos. No entanto, podemos hoje definir que “o que verdadeiramente caracterizava a família é o facto de os diversos membros habitarem o mesmo espaço”<sup>54</sup>, formando “uma comunidade de pessoas, para quem o modo próprio de existirem e viverem juntas é a comunhão: *comunhão de pessoas*”<sup>55</sup>. Como comunidade humana, a família enforma o conjunto de relações entre os membros que tem apresentado ao longo dos tempos estruturas sociais com “características distintas consoante a época, os grupos sociais, a cultura e a sociedade”<sup>56</sup>.

Historicamente, mesmo antes do homem se organizar em comunidades sedentárias, a família era constituída por um grupo de membros, sob a liderança de um ancestral comum, normalmente masculino, o *patriarca*. Como símbolo de unidade desta entidade social, reunia

---

<sup>54</sup> PEREIRA, J. A., *Nós e o Mundo. Manual de Educação Moral Religiosa Católica*, 6º Ano, Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2011, 107.

<sup>55</sup> JOÃO PAULO II, *Carta às Famílias*, Editora Rei dos Livros, nº6, Lisboa, 1994, 17.

<sup>56</sup> PEREIRA, J. A., *Nós e o Mundo. Manual de Educação Moral Religiosa Católica*, 6º Ano, Secretariado Nacional da Educação Cristã, 109.

numa mesma comunidade todos seus descendentes, os quais compartilhavam de uma mesma identidade cultural e patrimonial. Na Roma Antiga a família era *patriarcal*, ou seja, toda a autoridade era delegada ao homem, ao pai.

Embora a origem do conceito “Família” remonte à Antiguidade, a verdade é que a família, sendo uma instituição ancestral, universal, de formação multivariada e culturalmente determinada, tem-se adaptado a todas as transformações e alterações familiares e sociais, ao longo dos tempos. Efetivamente, consoante a época, é possível identificar as mais variadas tipologias de organização familiar.

“Sob o ponto de vista histórico, o que se pode dizer, (...) é que desde muito cedo se verifica a coexistência de várias formas de família: a nuclear, a tronco, a alargada, a complexa e as famílias sem núcleo.”<sup>57</sup> “Na Gália Romana, a família conjugal ou nuclear era regra. Com o fim do Império Romano e o advento das invasões germânicas, a família extensa tornou-se norma no espaço da Europa ocidental. Entre os séculos IX e XIII, porém, a família conjugal voltou a ser maioritária nas classes populares e na burguesia”.<sup>58</sup>

As alterações nas estruturas familiares “acontecem desde a Idade Média, daí que não se possa ter uma concepção evolucionista da família quanto às suas formas, isto é, a passagem de formas mais extensas e complexas para chegar enfim, à família nuclear formada pelo pai, a mãe e os filhos ainda não independentes, partilhando a mesma habitação, considerada mais perfeita e consonante com a modernidade”.<sup>59</sup> A família, na Idade Média:

“Assentava na residência ou nas afinidades biológicas (laços de parentesco) e era normalmente constituída pela mulher, pelo marido e pelos filhos. Era também muito comum nesta época a

---

<sup>57</sup> JOÃO PAULO II, *Carta às famílias*, nº6, Editora Rei dos Livros, Lisboa, 1994, 57.

<sup>58</sup> PEREIRA, J. A., *Nós e o Mundo. Manual de Educação Moral Religiosa Católica*, 6º Ano, Secretariado Nacional da Educação Cristã, 109.

<sup>59</sup> JOÃO PAULO II, *Carta às famílias*, Editora Rei dos Livros, nº6, 58.

compreensão da família de acordo com um conceito mais alargado, onde se incluíam os ascendentes e descendentes. A família estendia-se, ainda, a todos os parentes ligados por laços de sangue e aos criados que trabalhavam para uma casa e viviam sob o mesmo teto. Entre todos os membros da família era esperada solidariedade. O casamento era antecedido de esponsais, que se materializavam num contrato. Era considerado um estado social, sendo obrigatório o mútuo consentimento, de acordo com as regras da Igreja Católica e as leis civis que estabeleciam o princípio da liberdade para a celebração do casamento.”<sup>60</sup>

Com a Revolução Industrial (século XVIII) surgiram as grandes mudanças a nível das estruturas sociais, económicas e culturais e, a família, como pilar da sociedade, não fica imune às transformações ocorridas. Mudanças que condicionam a tipologia da familiar na sua constituição, na sua forma de estar em sociedade, na sua forma de agir perante os problemas e os obstáculos que são constantes.

A família tem diferentes estruturas, no que respeita ao número de membros que compõem o núcleo familiar e à relação de parentesco que estabelecem entre si. No entanto, “as famílias são estruturas dinâmicas. Uma família conjugal pode transformar-se rapidamente numa família extensa e vice-versa. De facto, a morte de um dos cônjuges ou filhos e os casamentos feitos e refeitos testemunham uma sociedade em constante mudança.”<sup>61</sup> Tenhamos como exemplo, em Portugal, “a aventura da expansão ultramarina causou muitos desaparecimentos, abandonos e mortes, bem como o aumento do número de viúvas e de órfãos. Estes acontecimentos provocaram grandes alterações na estrutura das famílias”<sup>62</sup>.

Atualmente, o modelo de família tradicional, baseado no amor e no casamento e na divisão estrita do trabalho entre o homem e a mulher está substancialmente transformado nas

---

<sup>60</sup>PEREIRA, J. A., *Nós e o Mundo. Manual de Educação Moral Religiosa Católica*, 6º Ano, Secretariado Nacional da Educação Cristã, 110.

<sup>61</sup>*Ibidem*, 108.

<sup>62</sup>*Ibidem*, 111.

relações, que são reguladas por uma lógica afetiva. Pois, a vida do casal hoje, caracteriza-se por uma relação conjugal mais igualitária e a independência é elemento de estabilidade do casal.

Resumindo, historicamente a família tem resistido às mudanças socioeconómicas e culturais. Onde, a própria conceção de família foi-se modificando ao longo dos tempos. “Mais do que uma célula base ou um último refúgio, contra as agressões externas, a família aparece como instituição flexível e persistente (...).”<sup>63</sup> É pois importante, referir que, “as famílias ao longo da história assumiram o papel de instituição central e organizadora das sociedades.”<sup>64</sup>

## **2. Perspetiva antropológica**

Antropologicamente, o ser humano é um ser em família. A família humana que terá tido a sua origem quando foi possível a comunicação de experiências, de sentimentos e de projetos, é nela que o ser humano se afirma como ser relacional e se descobre e constrói na relação com o outro. Com efeito, “nas diversas culturas, a relação e a pertença são valores importantes que forjam a identidade dos indivíduos. A família dá a possibilidade à pessoa de se realizar e contribuir para o crescimento dos outros na sociedade mais vasta.”<sup>65</sup>

---

<sup>63</sup> JOÃO PAULO II, *Carta às famílias*, nº6, Editora Rei dos Livros, 57.

<sup>64</sup>.PEREIRA, J. A., *Nós e o Mundo. Manual de Educação Moral Religiosa Católica*, 6º Ano, Secretariado Nacional da Educação Cristã, 111.

<sup>65</sup> XIV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, *A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo*, nº7, 13.

Segundo D. José Policarpo<sup>66</sup>, Cardeal-Patriarca, a família “é uma comunidade de pessoas, radicada na comunhão do homem e da mulher; a diferenciação e a complementaridade dos sexos é um elemento antropológico fundamental na compreensão cristã da família, porque o "humano" é homem e mulher e porque a procriação é elemento constitutivo do ideal familiar”. A relação do homem e da mulher e a sua complementaridade física e espiritual garantem a procriação e o dever de amar e de ensinar a amar. Na realidade e de acordo com a definição da Doutrina Social da Igreja<sup>67</sup>, a família é a estrutura fundamental da sociedade, a primeira sociedade natural, que tem como missão a transmissão da vida e a educação dos filhos. É a primeira responsável pela integração dos seus membros na sociedade. De facto é nela onde se processa a educação e a socialização dos descendentes, na qual é reconhecido aos pais o direito e o dever de serem os primeiros na transmissão dos valores e no ensinamento do respeito e conservação dos laços entre gerações.

No entanto, o facto de vivermos numa sociedade de consumo marcada pela cultura individualista, que prioriza o “ter” ao “ser”, a família depara-se com fracassos que enfraquecem a relação matrimonial e fragilizam esta comunidade humana fundamental. Fracassos que “dão, assim, origem a novos relacionamentos, novos casais, novas uniões e novos matrimónios, criando situações familiares complexas e problemáticas para a opção cristã”<sup>68</sup>.

---

<sup>66</sup> *Conferência de Encerramento do Congresso Nacional da Família Lisboa*, 12 de Outubro de 2002, <http://familiacatolica.no.sapo.pt/familia/missao.htm> consultado em 8 de abril de 2016.

<sup>67</sup> *CONSELHO PONTIFÍCIO «JUSTIÇA E PAZ», Compêndio da Doutrina Social da Igreja: Cap. V – A Família, Célula vital da sociedade*, Editora Principia, 1ª Edição, 2005.

<sup>68</sup> III ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, *Os desafios pastorais da família no contexto da evangelização*, 6.

Segundo Papa Francisco<sup>69</sup>, na sua mensagem aos participantes do I Congresso Latino-americano da Pastoral Familiar, “para além de seus prementes problemas e de suas necessidades urgentes, a família é um *centro de amor*, onde reina a lei do respeito e da comunhão, capaz de resistir aos ataques da manipulação e da dominação dos *centros de poder mundanos*”. Nesta circunstância, a família é um espaço onde somos educados e crescemos no amor através dos afetos, da confiança e do mútuo respeito e, onde todos os membros interagem uns com os outros e partilham sentimentos e valores que os levam a formar laços de reciprocidade e de solidariedade. A criança nasce e cresce no seio de uma família que, quando estável e coesa, é o lugar privilegiado onde se processam as primeiras aprendizagens, se aprendem as regras básicas de vida, se descobrem os valores e os critérios morais, e se criam os primeiros laços afetivos.

Na família cristã, a construção da comunidade de vida e de amor tem o seu início no amor do casal e consolida-se na vivência do matrimónio cristão que, em conjunto, idealizam um “projeto de vida” conjugal e familiar. Projeto que se edifica e fortifica no amor conjugal e na descendência, fruto deste mesmo amor. Pois, os filhos<sup>70</sup>, como “fruto do amor, são, por sua vez, fonte do amor e fortalecimento do matrimónio, neles realiza-se o coroamento daquela partilha total de vida, que faz com que os esposos sejam *uma só carne*. São eles que dão sentido à vida dos cônjuges e tornam-se um dom para os pais”. Para o cristão, a família é “a primeira escola das virtudes sociais de que as sociedades têm necessidade”<sup>71</sup> na qual os filhos nascem e crescem num contexto de amor e são educados para os “valores essenciais da vida

---

<sup>69</sup> Na mensagem do Papa Francisco aos participantes do I Congresso Latino-americano da Pastoral Familiar, no Panamá, em agosto de 2014 – texto disponível online em <http://www.acidigital.com/noticias/o-que-e-a-familia-responde-o-papa-francisco-89124/>, consultado 8 de abril 2016.

<sup>70</sup> JOÃO PAULO II, Homilia no Jubileu das Famílias, nº 5, 15 de Outubro de 2000.

<sup>71</sup> CONCILIO ECUMÉNICO VATICANO II, Declaração A Educação Cristã, (*Gravissimum Educationis*), 3, Editorial A.O., Braga, 1983.

humana”<sup>72</sup> e onde se aprende primeiramente amar em família, pois “é no sentir-se amada pelos pais que a criança descobre o que é amar”<sup>73</sup>.

Nas famílias contemporâneas, que enformam o estímulo da procura da felicidade e estabilidade individual, observamos uma multiplicidade de agregados familiares que se vão modificando de harmonia com a dinâmica dos seus elementos e da procura egoísta da felicidade. Hoje, a família apresenta diferentes estruturas no que respeita à relação de parentesco que estabelecem entre si e ao número de membros que compõem o núcleo familiar. Assim, quanto à relação de parentesco encontramos as seguintes tipologias familiares:

- “*Agregado isolado*: viúvo ou viúva sem filhos, pessoa solteira;
- *Agregado não conjugal*: lar sem estrutura familiar, constituído por pessoas residindo juntas, aparentadas ou não, por exemplo um irmão e uma irmã, solteiros;
- *Agregado familiar simples* (família nuclear ou conjugal): casais, com ou sem filhos, viúvos ou viúvas com filhos;
- *Agregado familiar alargado ou extenso*: famílias onde se incluem membros com vários graus de parentesco, para além dos próprios filhos. Neste caso, a família alargada pode ser ascendente (pai, mãe, sogra, sogro), descendente (neto, neta) e colateral (irmão, irmã, cunhado, cunhada, primo);
- *Agregado familiar múltiplo*: formado por um núcleo principal e por um núcleo secundário, podendo este ser ascendente, descendente ou colateral, reunindo, neste caso, dois ou mais casais de irmãos”<sup>74</sup>.

No que respeita à tipologia de famílias com base no número de membros do agregado familiar, podemos referir as famílias:

---

<sup>72</sup> JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica Familiaris Consortio*, São Paulo, Lisboa, 1994, 55.

<sup>73</sup> <http://familia.patriarcado-lisboa.pt/recursos/teologia-da-familia/> consultado 8 de abril 2016.

<sup>74</sup> PEREIRA, J. A., *Nós e o Mundo. Manual de Educação Moral Religiosa Católica*, 6º Ano, Secretariado Nacional da Educação Cristã, 108.

- “*Monoparentais*, formadas apenas por um dos progenitores;
- *Biparentais*, formadas pelos dois progenitores;
- *Famílias numerosas*, famílias com mais de três filhos.”<sup>75</sup>

Podemos ainda, nesta perspetiva de alteração de modelo familiar, mencionar à tendência da contemporaneidade dos jovens prolongarem a sua convivência familiar intergeracional e dependência familiar, numa lógica predominantemente individualista, diante das incertezas e instabilidades do mundo do trabalho. Nesta conjuntura socioeconómica deparamo-nos com um novo tipo de configuração de relação familiar, onde os jovens permanecem mais tempo a viver na residência e na dependência dos pais, num convívio intergeracional individualizante.

Assim, “a antropologia de matriz familiar é uma antropologia incarnada, em que a carne de cada sujeito, como lugar da relação dos diferentes, nunca pode ser gnosticamente desfeita numa ideia ou espírito genéricos, independente da sua articulação enquanto corpo pessoal, como corpo de relação. É como corpo que somos filhos, irmãos, esposas e maridos, mães e pais. E quando transferimos essas relações para outros âmbitos, é no corpo que as vivemos. Porque assim é a condição humana”.<sup>76</sup>

---

<sup>75</sup> *Ibidem*.

<sup>76</sup> DUQUE, J. M., “Breve Antropologia da Família”, *Theologica*, II Série, Vol. XLIX, Fasc. 2, Braga, 2014, 243.

### 3. Perspetiva teológica

#### 3.1. A Sagrada Família

“A família é imagem de Deus que, «no seu mistério mais íntimo, não é solidão, mas uma família, dado que tem em si paternidade, filiação e a essência da família, que é o amor». Deus é comunhão de pessoas”<sup>77</sup>.

A Sagrada família de Jesus de Nazaré é a imagem e o exemplo do amor divino e modelo das relações de entrega e de amor que devem alimentar o casal. Maria, mãe de Jesus, filho de Deus, amou e educou o seu filho, exerceu as funções que eram atribuídas à mulher na vida familiar e, amou e foi fiel ao seu marido José até ao fim da sua vida. José, seu fiel esposo, “homem justo, trabalhador incansável”<sup>78</sup> colabora com os planos de Deus - recebe a sua noiva Maria e o seu filho Jesus, protege-os e cuida a sua família com todo o seu amor e dedicação. A Sagrada Família de Nazaré caracteriza a união estável e duradoura entre um homem e uma mulher, num quadro de fidelidade e respeito de um pelo outro e que se completam nas suas funções de pai e de mãe. Foi neste ambiente familiar de “amor para com os parentes e amigos, de respeito e obediência, de trabalho, de partilha de tarefas, de silêncio, de oração e de serviço humilde que ajudaram Jesus a crescer e a orientar a sua vida”<sup>79</sup>. Esta Família, “única no mundo, que passou uma existência anónima e silenciosa numa pequena localidade da Palestina; que foi provada pela pobreza, pela perseguição, pelo exílio; que glorificou a Deus de modo

---

<sup>77</sup>XIV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, *A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo*, nº 38, 37.

<sup>78</sup>*Ibidem*, Conclusão, 115.

<sup>79</sup>PEREIRA, J. A., *Nós e o Mundo. Manual de Educação Moral Religiosa Católica*, 6º Ano, Secretariado Nacional da Educação Cristã, 121.

incomparavelmente alto e puro, não deixará de ajudar as famílias cristãs, ou melhor, todas as famílias do mundo”<sup>80</sup>.

Segundo as palavras do Papa Francisco, “do exemplo e do testemunho da Sagrada Família, cada família pode obter indicações preciosas para o estilo e as escolhas de vida, e pode haurir força e sabedoria para o caminho de cada dia. Nossa Senhora e são José ensinam a acolher os filhos como dons de Deus, a gerá-los e educá-los cooperando de forma maravilhosa na obra do Criador e doando ao mundo, em cada criança, um novo sorriso. É na família unida que os filhos levam a sua existência ao amadurecimento, vivendo a experiência significativa e eficaz do amor gratuito, da ternura, do respeito recíproco, da compreensão mútua, do perdão e da alegria”<sup>81</sup>.

### **3.2. Santíssima Trindade**

Vamos agora analisar a questão sobre a fundamentação da família como comunidade de amor, onde qualquer ser humano deve viver e crescer. Para descobrirmos a originalidade e a identidade da família humana como comunidade de amor, temos de recorrer à revelação bíblica e cristã sobre a auto comunicação amorosa da Trindade, que nos ajuda a descobrir o mistério que constitui a família cristã. Segundo Alexandre Palma, “o amor é, sem sombra de dúvidas, o grande motivo que torna possível falar da Trindade”<sup>82</sup>.

---

<sup>80</sup> *Ibidem*, Conclusão, 115.

<sup>81</sup> PAPA FRANCISCO, *Homilia na Festa da Sagrada Família de Nazaré* - Angelus, em 27 dezembro de 2015. <http://www.opusdei.org/pt-br/article/natal-2015-papa-francisco/>, consultado em 13 de janeiro 2016.

<sup>82</sup> PALMA, A., *A Trindade é um mistério*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2014, 130.

No mistério da Trindade, Deus em si mesmo é Trindade, Pai e Filho e Espírito Santo, de única substância e natureza, Três Pessoas eternamente inter-relacionadas. Esta unidade corporiza igualmente a família. Com efeito, na família cristã, que constitui um “complexo de relações interpessoais – vida conjugal, paternidade, maternidade, filiação, fraternidade – mediante as quais cada pessoa humana é introduzida na «família humana» e na «família de Deus, que é a Igreja.”<sup>83</sup>, o que diferencia cada pessoa é aquilo que a une intimamente aos outros. Todos sabemos o quanto precisamos uns dos outros e como nos completamos uns aos outros.

Na Trindade contemplamos Deus com o seu infinito amor, equiparar a família humana à família trinitária, que é amor comunidade. Ora, “o amor que é o próprio Deus e que anima a verdade do amor na Criação – como imagem de Deus – é descrito, trinitariamente, nas pessoas do Pai, do Filho e do Espírito. Porque todos se definem, no seu ser, simplesmente pela relação ao outro”.<sup>84</sup> Assim, o “amor de Deus – o próprio Deus, como amor – é o amor da paternidade e da filiação (sempre em analogia com a paternidade e a filiação humanas, não como sua repetição ou imitação) que, na sua relação mútua, constituem o Espírito de Deus”<sup>85</sup>. Neste seguimento, constatamos desde logo que a Criação é lugar de revelação dum Deus que é Amor e que se apresentou em Jesus Cristo como Pai, Filho e Espírito Santo.

A família, na perspetiva teológica como “Comunidade de vida e de amor”<sup>86</sup>, exprime a realidade da Trindade como comunidade de vida e de amor. A essência da Santíssima Trindade é o Amor. A Santíssima Trindade são três pessoas eternamente inter-relacionadas,

---

<sup>83</sup>JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica Familiaris Consortio*, n°15, São Paulo, Lisboa, 1994, 28.

<sup>84</sup>DUQUE, J., “Santíssima Trindade adoro-Vos profundamente, Itinerário Temático do Centenário da Aparições de Fátima”, 1º Ciclo, Coleção Fátima Itinerários, Santuário de Fátima, 2010, 20.

<sup>85</sup> *Ibidem*.

<sup>86</sup>CONCILIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Gaudium et Spes*, 48; JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica Familiaris Consortio*, n°17, 31

Pai e Filho e Espírito Santo, que vivem uma para a outra e que se complementam - nenhuma pode prescindir uma da outra e nenhuma existe e age independentemente da outra, todas estão plenamente e sempre unidas pelo vínculo do amor. Ou seja, na Trindade “onde está e age o Pai, aí estão e agem também (sem sobreposição) o Filho e o Espírito. Onde está e age o Filho, aí estão e agem também (sem sobreposição) o Pai e o Espírito. Onde esta e age o Espírito, aí está e agem também (sem sobreposição) o Pai e o Filho.”<sup>87</sup>

De acordo com Bento XVI, na homilia proferida na celebração eucarística, no VII Encontro Mundial das Famílias, “Não é só a Igreja que é chamada a ser imagem do Deus Uno em Três Pessoas, mas também a família fundada no matrimónio entre o homem e a mulher. No princípio, de facto, «Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus: Ele criou os criou homem e mulher. Abençoando-os, Deus disse-lhes: “Crescei e multiplicai-vos”»<sup>88</sup>. Deus criou o ser humano, homem e mulher, com igual dignidade, mas também com características próprias e complementares, para que os dois fossem dom um para o outro, se valorizassem reciprocamente e realizassem uma comunidade de amor e vida”<sup>89</sup>. Deus, ao criar o homem e a mulher à sua imagem e semelhança, chama-os a amar como ele. Deus é amor, e vive dentro de si o mistério de uma comunhão pessoal de amor. Nos seres humanos existe uma vocação, uma capacidade e uma responsabilidade de promover o amor. O amor é o que faz da pessoa humana a autêntica imagem da trindade, imagem de Deus.

Em semelhança à imagem da Santíssima Trindade, na família fundada no matrimónio existe harmonia, procriação, respeito, doação, solidariedade e vida em abundância. Não existe

---

<sup>87</sup> PALMA, A., *A Trindade é um mistério*, 140.

<sup>88</sup> (Gn 1, 27-28).

<sup>89</sup> BENTO XVI, *Homilia do Papa na celebração Eucarística*, Visita Pastoral à Arquidiocese de Milão e VII Encontro Mundial das Famílias, Parque de Bresso, 3 de junho de 2012, [http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2012/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20120603\\_milano.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2012/documents/hf_ben-xvi_hom_20120603_milano.html), consultado em 13 de janeiro 2016.

espaço para o individualismo, egoísmo, indiferença e morte, porque, antes de mais, o amor é fecundo na comunhão conjugal quando os esposos desejam e realizam o bem um ao outro e vivem a alegria do receber e do dar. É também fecundo na procriação responsável e na educação cuidadosa dos filhos e nas dificuldades consequentes dos condicionalismos sociais. Por fim, e porque a pessoa só cresce e se aperfeiçoa de dentro para fora se realmente vive a sua vocação para o amor, esta aprendizagem do amor só se inicia a partir da família. Este amor é fecundo para a sociedade porque a família é a primeira e insubstituível escola das virtudes sociais, tais como o respeito pela dignidade de cada um, a gratuidade, a confiança, a responsabilidade, a solidariedade e a cooperação. A família é a primeira célula social e a primeira escola de socialidade e de humanização.

Sintetizando, a família, na individualidade de todos os membros e no conjunto de todos eles, têm todos as dinâmicas que considera para ser imagem da Santíssima Trindade. O modo de ser e estar trinitário deverá sempre ser reproduzido por quem deseja constituir uma família fundamentada e norteadada nos valores cristãos. O modelo originário da família deve por isso ser procurado no mistério trinitário da vida de Deus.

### **3.3. Dinâmica sinodal**

A família está em crise com o aumento de divórcios e o surgimento de novos tipos de organização familiar. Face a estes sinais visíveis de destruição do tecido familiar, o Papa Francisco, favorável a uma Igreja mais próxima dos pobres, mais compassiva e menos obcecada com questões como homossexualidade e a contraceção, convocou no Vaticano, a realização da III Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos, subordinada ao tema *“Os desafios pastorais da família no contexto da evangelização”*, em outubro de 2014, e a

Assembleia Geral Ordinária, em 2015 subordinada ao tema “*A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo*”. Como organismo consultivo para o Papa, os bispos da Igreja Católica, representantes de todas as conferências episcopais e casais católicos, reuniram-se para refletir sobre os novos desafios com que a família se depara no contexto atual e a resposta a dar-lhes.

A preparação do Sínodo teve por base o Documento Preparatório (2013), o *Instrumentum laboris*, enviado às dioceses de todo o mundo, com oito grupos de perguntas relativas ao matrimónio e à família. Este documento forneceu uma visão da realidade familiar no contexto atual e constituiu o início de uma profunda reflexão que foi debatida na III Assembleia Geral Extraordinária e na Assembleia Ordinária, que se realiza de quatro em quatro anos. No documento preparatório, o Papa Francisco referiu:

“Hoje perfilam-se problemáticas até há poucos anos inéditas, desde a difusão dos casais de facto, que não acedem ao matrimónio e às vezes excluem esta própria ideia, até às uniões entre pessoas do mesmo sexo, às quais não raramente é permitida a adoção de filhos. Entre as numerosas novas situações que exigem a atenção e o compromisso pastoral da Igreja, será suficiente recordar: os matrimónios mistos ou inter-religiosos; a família monoparental; a poligamia; os matrimónios combinados, com a consequente problemática do dote, por vezes entendido como preço de compra da mulher; o sistema das castas; a cultura do não-comprometimento e da presumível instabilidade do vínculo; as formas de feminismo hostis à Igreja; os fenómenos migratórios e reformulação da própria ideia de família; o pluralismo relativista na noção de matrimónio; a influência dos meios de comunicação sobre a cultura popular na compreensão do matrimónio e da vida familiar; as tendências de pensamento subjacentes a propostas legislativas que desvalorizam a permanência e a fidelidade do pacto matrimonial; o difundir-se do fenómeno das mães de substituição (“barriga de aluguer”); e as novas interpretações dos direitos humanos. Mas sobretudo no âmbito mais estritamente eclesial, o enfraquecimento ou abandono da fé na sacramentalidade do matrimónio e no poder terapêutico da penitência sacramental.

A partir de tudo isto compreende-se como é urgente que a atenção do episcopado mundial, “*cum et sub Petro*”, enfrente estes desafios”.<sup>90</sup>

Depois de duas semanas de debate sobre o tema “*Os desafios pastorais sobre a família no contexto da evangelização*”, a pedido do Papa Francisco, foi publicado o relatório conclusivo (*Relatio Synodi*) com o resultado dos votos favoráveis e contrários de cada um dos sessenta e dois parágrafos do texto. Segundo o padre Federico Lombardi, diretor da Sala de Imprensa da Santa Sé, “foi desejo do Papa. O Papa disse: ‘Quero que seja publicada esta *Relatio*, e por questões de transparência e clareza, que se diga quantos foram os votos favoráveis ou não favoráveis, número por número, de forma que não existam confusões ou equívocos sobre isto”<sup>91</sup>. Este documento, serviu de base para a preparação da Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos que se realizou em outubro de 2015. Todavia, característica da *Relatio Synodi*, segundo Padre Lombardi, é um documento orientador e portanto não de consenso total. “Temos em cada um destes números uma dimensão do consenso, evidentemente, uma dimensão que pode ser muito ampla ou uma dimensão que pode ser mais limitada, mas isto significa que existe um assunto que deve ainda ser amadurecido ou aprofundado porque, evidentemente, o consenso da Assembleia não era suficientemente maduro para a formulação com que foi apresentado”.<sup>92</sup>

Por conseguinte, o precedente relatório, a *Relatio Synodi*, “não fala de crianças que vivem com casais do mesmo sexo e reitera energicamente que as uniões homossexuais não são equiparáveis ao matrimónio entre homem e mulher e sublinha ainda que não são

---

<sup>90</sup>III ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, *Os desafios pastorais da família no contexto da evangelização*, Documento Preparatório, Vaticano, 2013.

<sup>91</sup> [http://www.radiovaticana.va/proxy/portuguese/noticiario/2014\\_10\\_19.html](http://www.radiovaticana.va/proxy/portuguese/noticiario/2014_10_19.html) in 5 de abril 2016.

<sup>92</sup> *Ibidem*.

aceitáveis pressões sobre os bispos relativas a este ponto”<sup>93</sup>. Refere ainda que o sacramento do matrimónio é o único vínculo na Igreja Católica e que “qualquer rotura do mesmo é contra a vontade de Deus”<sup>94</sup>. Assim sendo, o Sínodo assume a necessidade de “discernir os caminhos para renovar a Igreja e a sociedade no seu compromisso pela família fundada sobre o matrimónio e na união indissolúvel entre o homem e a mulher”<sup>95</sup>, sustentando que “os grandes valores do matrimónio e da família cristã são a resposta aos anseios da existência humana face ao individualismo e hedonismo”<sup>96</sup>

No discurso de encerramento dos trabalhos, em 18 de outubro de 2014, o Papa Francisco deu por terminados os trabalhos do Sínodo com alertas contra as atitudes de rigorismo ou de facilitismo na ação da Igreja. Declarou: “A Igreja tem as portas escancaradas para receber os necessitados, os arrependidos e não só os justos ou os que pensam que são perfeitos. A Igreja não se envergonha do irmão caído e não finge que não o vê, pelo contrário, sente-se levada e quase obrigada a levantá-lo de novo”<sup>97</sup>.

Na continuidade desta Assembleia Extraordinária, o tema sobre a situação da família foi debatido na Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos em outubro 2015. Terminada esta, foi emitida a Exortação Apostólica, apresentada em 8 de abril de 2016, na qual o Papa resume e aprova as principais conclusões finais das Assembleias Sinodais.

Em 25 de outubro de 2015, foi apresentado o relatório final do Sínodo dos Bispos, que “apresenta os “grandes valores” do matrimónio e da família cristã como respostas aos anseios

---

<sup>93</sup> *Ibidem*.

<sup>94</sup> <http://www.leigos.pt/index.php/sinodo-dos-bispo-sobre-a-familia/429-familia-vaticano-apresentou-orientacoes-para-sinodo-de-2015>, 5 de abril 2016.

<sup>95</sup> *Ibidem*.

<sup>96</sup> *Ibidem*

<sup>97</sup> <http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/vaticano/vaticano-papa-encerrou-trabalhos-do-sinodo-com-alertas-contra-rigorismo-e-facilitismo/>, texto disponível online em 5 de abril 2016.

da humanidade num tempo de individualismo e hedonismo”<sup>98</sup>. Entre estes grandes valores destaca-se que “a fidelidade à aliança irrevogável de Deus é o fundamento da indissolubilidade do matrimónio. O amor completo e profundo entre os cônjuges não se baseia unicamente nas capacidades humanas: Deus sustém essa aliança com a força do seu Espírito”<sup>99</sup>. Sobre a vivência das famílias, no atual contexto cultural e religioso, face à mudança antropológica da ideologia do género que nega a diferença e a reciprocidade natural do homem e da mulher o texto afirma que “a mulher tem um papel determinante na vida da pessoa, da família e da sociedade. (...) É verdade, porém, que a condição feminina no mundo está sujeita a grandes diferenças que provêm prevalentemente de fatores socioculturais. A dignidade da mulher precisa de defesa e promoção”.<sup>100</sup> Neste relatório<sup>101</sup> é abordada a possibilidade do acesso aos sacramentos dos divorciados recasados que atualmente é negada pela Igreja Católica. Por isso são apresentados critérios de reflexão, sublinhando que há “diversos condicionamentos”<sup>102</sup> que podem diminuir ou anular a responsabilidade de uma ação. Assim, “embora defendendo uma norma geral, há que reconhecer que a responsabilidade em relação a determinadas ações ou decisões não é a mesma em todos os casos”<sup>103</sup>, e nesse sentido nem “as consequências dos atos realizados são necessariamente as mesmas em todos os casos”, pelo que é essencial o “discernimento e integração”<sup>104</sup> que tem de acompanhar cada situação. O texto cita o ensinamento de São João Paulo II na *Familiaris*

---

<sup>98</sup> <http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/vaticano/sinodo-2015-valores-do-matrimonio-e-da-familia-sao-resposta-ao-individualismo/>, consultado em 8 de abril 2016.

<sup>99</sup> XIV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, *A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo*, n.º 48, 46.

<sup>100</sup> *Ibidem*, n.º 27, 28-29.

<sup>101</sup> *Ibidem*, n.º 84-86, 73-75.

<sup>102</sup> *Ibidem*, n.º 85, 74.

<sup>103</sup> *Ibidem*.

<sup>104</sup> *Ibidem*, 73.

*Consortio*: “Saibam os pastores que, por amor à verdade, estão obrigados a discernir bem as situações. Há, na realidade, diferença entre aqueles que sinceramente se esforçaram por salvar o primeiro matrimónio e foram injustamente abandonados e aqueles que por sua grave culpa destruíram um matrimónio canonicamente válido”<sup>105</sup>. No entanto, a grande novidade, é a abertura do acesso dos divorciados recasados aos sacramentos que lhes eram até então negados, conforme o ponto nº 86 do relatório: “o colóquio com o sacerdote, no foro interno, concorre para a formação de um juízo correto do que impede a possibilidade de uma mais plena participação na vida da Igreja e dos passos que a podem favorecer e fazê-la crescer”<sup>106</sup>. É referenciada no texto, a “responsabilidade geradora”<sup>107</sup> dos católicos face a uma mentalidade hostil à vida, rejeitando qualquer “intervenção coerciva do Estado em favor da contraceção, esterilização ou o aborto”<sup>108</sup>. Por fim, um outro ponto abordado é o da “educação dos filhos [...] um dos desafios fundamentais, entre os que hoje se põem às famílias”<sup>109</sup> que é mais exigente e complexo na atual realidade cultural pela influência dos meios de comunicação social.

Em 8 de abril de 2016 foi divulgada a Exortação apostólica “*Amoris laetitia*”<sup>110</sup> (*A Alegria do Amor*), documento sinodal conclusivo dos dois Sínodos dos Bispos sobre a Família, realizados no Vaticano em 2014 e 2015, onde foram debatidos os “desafios pastorais associados à família, no contexto da evangelização”<sup>111</sup>.

---

<sup>105</sup> *Ibidem*, nº85, 73-74.

<sup>106</sup> *Ibidem*, nº86, 74.

<sup>107</sup> *Ibidem*, nº63, 60-61.

<sup>108</sup> *Ibidem*.

<sup>109</sup> *Ibidem*, nº66, 63.

<sup>110</sup> PAPA FRANCISCO, “Exortação Apostólica Pós-Sinodal” *Amoris Laetitia*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2016.

<sup>111</sup> GOMES, M.. “Opção Fundamental”. *Communio – Revista Internacional Católica*. Ano XIV/1, 1997, 230.

Na exortação apostólica "Amoris Laetitia" o Papa Francisco adverte para "as tensões causadas por uma cultura individualista exagerada da posse e da fruição"<sup>112</sup> que "desvirtua os laços familiares"<sup>113</sup> e torna difícil a doação de uma pessoa a outra de uma maneira generosa. De facto, "hoje é fácil confundir a liberdade genuína com a ideia de que cada um julga como lhe parece, como se, para além dos indivíduos, não houvesse verdades, valores, princípios que nos guiam, como se tudo fosse igual e tudo devesse permitir."<sup>114</sup> É neste contexto que o ideal do matrimónio como sendo "um compromisso de exclusividade e estabilidade acaba por ser destruído pelas conveniências contingentes ou pelos caprichos da sensibilidade"<sup>115</sup>. Hoje, "teme-se a solidão, deseja-se um espaço de proteção e fidelidade, mas, ao mesmo tempo, cresce o medo de ficar encurralado numa relação que possa adiar a satisfação das aspirações pessoais."<sup>116</sup> Na sequência desta conjuntura, o idealismo matrimonial não permite considerar o matrimónio como um "caminho dinâmico de crescimento e realização"<sup>117</sup>. Por isso, não se pode julgar que se possa apoiar as famílias "com a simples insistência em questões doutrinárias, bioéticas e morais, sem motivar a abertura à graça"<sup>118</sup>. O Papa refere que "devemos dar graças pela maioria das pessoas valorizar as relações familiares que querem permanecer no tempo e garantem o respeito pelo outro."<sup>119</sup> Para isso, a Igreja deve oferecer "espaços de apoio e aconselhamento sobre questões relacionadas com o crescimento do amor, a superação dos conflitos e a educação dos filhos"<sup>120</sup> que permitam aos casais enfrentar os desafios do matrimónio e da família.

---

<sup>112</sup> PAPA FRANCISCO, "Exortação Apostólica Pós-Sinodal" *Amoris Laetitia*, nº33, 24.

<sup>113</sup> *Ibidem*.

<sup>114</sup> *Ibidem*, nº34, 25-26.

<sup>115</sup> *Ibidem*.

<sup>116</sup> *Ibidem*.

<sup>117</sup> *Ibidem*, nº37, 27.

<sup>118</sup> *Ibidem*.

<sup>119</sup> *Ibidem*, nº38, 27.

<sup>120</sup> *Ibidem*.

Entre os pontos mais inovadores desta exortação, o Papa Francisco apoia a readmissão dos recasados nos sacramentos, mediante um "itinerário de acompanhamento e discernimento"<sup>121</sup>. Um padre “não pode sentir-se satisfeito apenas aplicando leis morais àqueles que vivem em situações “irregulares”, como se fossem pedras que se atiram contra a vida das pessoas”<sup>122</sup>. Deve no entanto, identificar caso a caso as situações “irregulares” dos casais, em particular o casal de divorciados novamente casados e “ajudar a encontrar os caminhos possíveis de resposta a Deus e de crescimento no meio dos limites”<sup>123</sup>, para que sejam readmitidos nos sacramentos. Em relação aos homossexuais, defende que a Igreja não os deve discriminar. “Cada pessoa, independentemente da própria orientação sexual, deve ser respeitada na sua dignidade e acolhida com respeito, procurando evitar “qualquer sinal de discriminação” e, particularmente, toda a forma de agressão e violência”<sup>124</sup>. No entanto, as suas uniões não podem ser consideradas um casamento. Condena as pressões de organismos que procuram legalizar o matrimónio homossexual, pois o matrimónio entre pessoas homossexuais não está no “desígnio de Deus”<sup>125</sup>. “É inaceitável que as igrejas locais sofram pressões nesta matéria e que organismos internacionais condicionem a ajuda financeira aos países pobres, à introdução de leis que instituem o “matrimónio” entre pessoas do mesmo sexo”. “Só a união exclusiva e indissolúvel entre um homem e uma mulher realiza uma função social plena”<sup>126</sup>. Segundo o pontífice, “ninguém pode pensar que o enfraquecimento da família como sociedade natural fundada no matrimónio seja algo que beneficia a sociedade.

---

<sup>121</sup> *Ibidem*, n°300, 207.

<sup>122</sup> *Ibidem*, n°305, 212.

<sup>123</sup> *Ibidem*.

<sup>124</sup> *Ibidem*, n°250, 171-172.

<sup>125</sup> *Ibidem*, n°251, 172.

<sup>126</sup> *Ibidem*, n°52, 40.

Antes pelo contrário, prejudica o amadurecimento das pessoas, o cultivo dos valores comunitários e o desenvolvimento ético das cidades e das aldeias”<sup>127</sup>.

Em síntese, ao longo de duzentas e trinta e cinco páginas na exortação “*Amoris laetitia*”, dedicadas à família e ao matrimónio, o Papa, não se refere diretamente ao acesso à comunhão dos católicos divorciados que voltaram a casar civilmente e reconhece o valor de algumas uniões livres estáveis.

---

<sup>127</sup> *Ibidem.*

## PARTE III – Família como projeto de vida

### 1. O que é um projeto de vida

A palavra “projeto” deriva do latim *proiectus*, quer dizer “lançar para a frente”<sup>128</sup>. A ele está associado a construção de algo novo e a ideia de futuro. Se uma construção (um projeto de engenharia), por exemplo, “não é mais do que a concretização de ideias e intenções organizadas para servirem determinados fins”<sup>129</sup>, um projeto de vida não pode ser equiparado aos demais projetos da atividade humana, uma vez que ele é o sentido e a direção, de um conjunto de decisões e ações coordenadas e interrelacionadas, que o ser humano define ao longo da sua vida para concretizar o objetivo último da sua existência, a felicidade<sup>130</sup>. Esta é a vocação universal que mora no íntimo de cada ser humano e que necessita de toda uma vida para se poder realizar.

Tal como “cada pessoa é original, única e irrepetível, também o seu projeto de vida assumirá esta grandeza e importância”<sup>131</sup>. Falar de um projeto de vida é falar de possibilidades de vir a ser, pois todo o ser humano é livre e responsável para escolher o que quer ser e o que quer fazer com a sua vida. Esta é a sua suprema dignidade e grandeza. Ao mesmo tempo, a sua liberdade é limitada e condicionada. Ele constrói-se a si mesmo não apenas pela liberdade

---

<sup>128</sup> SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Quero Ser*, 96.

<sup>129</sup> *Ibidem*.

<sup>130</sup> *Ibidem*, 104.

<sup>131</sup> *Ibidem*, 96

de escolher e decidir o que quer ser e fazer, mas porque pode discernir o “Bem do Mal”<sup>132</sup>, a razão de agir desta ou daquela forma e qual a direção a percorrer ao encontro da sua identidade que dá sentido à sua vida. Assim, “o homem tem de decidir sobre o sentido último e definitivo que quer dar à sua vida em função do qual brotará um determinado agir, um certo comportamento habitual característico, um modo de vida próprio e específico, um perfil único”<sup>133</sup>.

Resumindo: o projeto de vida, pela dimensão constitutiva da própria vida, é determinante para o crescimento de cada ser humano, da sua identidade. De acordo com o manual de EMRC<sup>134</sup> é um itinerário que realiza o dom da vida e o valor e dignidade de cada pessoa. No entanto, ninguém pode caminhar sozinho quando a finalidade última é a realização e a vivência da felicidade. Tal finalidade só se alcança de mãos dadas com os outros e em família, ao longo de toda uma vida.

## **2. A importância da família na construção do projeto de vida**

A família “torna-te aquilo que és!”<sup>135</sup>

Consciente ou inconscientemente, graças ao nosso projeto de vida, estabelecemos uma certa relação familiar com os nossos filhos e definimos um ambiente de formação da pessoa, onde os valores e as atitudes dos nossos filhos florescem. É na família que se une o

---

<sup>132</sup> GOMES, M.. “Opção Fundamental”, 70.

<sup>133</sup> *Ibidem*, 71.

<sup>134</sup> SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Quero Ser*, 97.

<sup>135</sup> JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica Familiaris Consortio*, 31.

desenvolvimento pessoal com a vida social. Nela nascem os cidadãos e nela encontram a primeira escola das virtudes sociais. É um espaço educativo por excelência, no qual a criança aprende os valores que servirão de pilares para a sua vida e desenvolve as suas primeiras experiências de interação individual e de pertença social. Segundo Walter Kasper<sup>136</sup>, no seu artigo sobre “o futuro da família segundo a perspectiva cristã”, “normalmente, a maior parte das crianças e dos jovens ainda hoje crescem numa família, e na família recebem a marca fundamental para a vida”.

A família estrutura-se quando um projeto de duas pessoas se edifica num projeto único vivido a dois que estão unidos pelo amor na procura da felicidade. O amor dum homem e duma mulher é o encontro de dois projetos individuais, com o que de bom e o que de menos bom trazem consigo e com o que cada um viveu e assimilou até ao momento. É a partir da comunhão da história da forma de vida de cada um que se começa este projeto de vida, que não será nem de um nem do outro, mas dos dois, do casal unido pelo amor. A família deve ser, acima de tudo, nas palavras do Papa João Paulo II<sup>137</sup> na Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, “fundada e vivificada pelo amor” pois “sem amor, a família não pode viver, crescer e aperfeiçoar-se como comunidade de pessoas”. O “homem e a mulher são criados um para o outro e são dados por Deus como presente de um ao outro. Devem completar-se e apoiar-se mutuamente, encontrar prazer e gozo um no outro. Homem e mulher são criados para o amor e nisso consiste ser imagem de Deus que é amor.”<sup>138</sup>

É desta união, da vida a dois, dos princípios e valores comuns, que nasce o novo projeto de vida do casal, da família, sob o qual vão edificar a sua nova vida. A família reveste-se de especial importância na construção do projeto de vida, pois nela onde se dá:

---

<sup>136</sup> AUGUSTIN, G., (coord.), *Matrimónio & Família*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2014, 131.

<sup>137</sup> JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica Familiaris Consortio*, 32.

<sup>138</sup> AUGUSTIN, G., (Coord.), *Matrimónio & Família*, 137.

- “a reprodução física e a segurança da subsistência da sociedade, ou seja, o nascimento e cuidado dos filhos;
- primeira socialização e educação dos filhos, entendidas como a formação de uma personalidade estável; portanto, a contribuição para imprimir a dimensão espiritual, cultural, social e profissional do “património humano”;
- uma contribuição “para a regeneração e conservação do potencial da força de trabalho”: isto é, “assistência aos membros do lar familiar (...), ordenação de um espaço de proteção, desenvolvimento e descanso, bem como (...) o cuidado da saúde e (...) a atenção aos membros doentes do lar, capazes de atividade produtiva”;
- atenção e cuidado dos membros doentes e inválidos de casa já não aptos para o trabalho produtivo.”<sup>139</sup>

De facto, a família constitui-se numa comunidade de amor e de solidariedade insubstituível para o ensino e a transmissão de valores culturais, éticos, sociais, espirituais e religiosos, essenciais ao desenvolvimento e bem-estar dos seus próprios membros e da sociedade. É nela onde se encontram diferentes gerações que se ajudam mutuamente no crescimento humano em harmonia, no respeito pelos direitos individuais de cada um e as exigências da vida social. Deste modo se formam cidadãos bons e responsáveis, onde todos os membros da família vão sentindo a corresponsabilidade de edificar “a comunhão de pessoas, fazendo da família uma escola de humanismo mais completo e mais rico”<sup>140</sup>.

A família é presente e o futuro da sociedade. É, tal como o conceito “projeto”, o espaço de construção de algo novo. É nela que nos iniciamos na vida, aprendemos aquilo que somos e aquilo que seremos ao longo da nossa existência. Enquanto berço onde aprendemos a ser pessoa, a família ensina-nos a dar os primeiros de muitos passos, as primeiras de muitas palavras e as primeiras relações humanas que servirão de base para a nossa personalidade.

---

<sup>139</sup> *Ibidem*, 59.

<sup>140</sup> JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica Familiaris Consortio*, nº21.

A família é fundamental na construção do projeto de vida, pois é nela que se erguem os pilares principais: o da educação e o da socialização.

## 2.1 Educação

Os pais são os primeiros responsáveis pela educação dos filhos. “O dever de educar tem as suas raízes na vocação primordial dos esposos em participar na obra criadora de Deus. Gerando no amor e por amor uma nova pessoa, que traz em si a vocação ao crescimento e ao desenvolvimento, os pais assumem por isso mesmo o dever de a ajudar eficazmente a viver uma vida plenamente humana.”<sup>141</sup> Faz parte da vocação da família ser o espaço educativo por excelência, como refere o Concílio Vaticano II<sup>142</sup>: “Os pais que transmitiram a vida aos filhos, têm uma gravíssima obrigação de educar a prole e, por isso, devem ser reconhecidos como seus primeiros e principais educadores. Esta função educativa é de tanto peso que, onde não existir, dificilmente poderá ser suprimida. Com efeito, é dever dos pais criar um ambiente de tal modo animado pelo amor e pela piedade para com Deus e para com os homens que favoreça a completa educação pessoal e social dos filhos. A família é, portanto, a primeira escola das virtudes sociais de que as sociedades têm necessidade”<sup>143</sup>. Por isso, a educação é dever e direito da família educar para os valores, para o compromisso e para a responsabilidade comunitária.

Se a família tiver um projeto de vida, as crianças encontrarão um ambiente favorável para crescer com objetivos, para aprender e integrar valores, para viver e partilhar o amor e

---

<sup>141</sup> JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica Familiaris Consortio*, nº36.

<sup>142</sup> CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Gravissimum Educationis*, 3.

<sup>143</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação: Direito e dever – missão*, 2002, 17.

para uma cidadania responsável. Como escola de vida, a família tem, portanto, um papel único e insubstituível na vida e na realização da pessoa humana. Em suma, à família cabe ensinar a arte de viver. Contudo, trata-se de uma arte que impele a própria vida, numa dinâmica de testemunho. Como refere Ambrósio<sup>144</sup> “o testemunho de vida que houver nas famílias será aquele que estará sempre presente” na humanização, na personalização da sociedade cada vez “mais despersonalizada e massificada”<sup>145</sup> no respeito pela dignidade de cada um.

## 2.2 Socialização

É na estrutura familiar que se encontram não só os elementos favoráveis à sobrevivência como também as condições essenciais para o desenvolvimento e a realização humana. Na família aprende-se a viver as virtudes sociais mais importantes e é onde se constituem os fundamentos da liberdade, da segurança e da fraternidade no seio da sociedade, porque “a família possui vínculos vitais e orgânicos com a sociedade, porque constitui o seu fundamento e alimento contínuo mediante o dever de serviço à vida: de facto, é da família que saem os cidadãos e é na família que encontram a primeira escola daquelas virtudes sociais, que são a alma da vida e desenvolvimento da mesma sociedade.”<sup>146</sup> Na sua função socializadora, a família é o “lugar adequado à transmissão da vida”<sup>147</sup> pois, desde a infância,

---

<sup>144</sup>AMBRÓSIO, J., *Viver com o sabor do Infinito. Um olhar sobre a família*, Alétheia Editores, Lisboa, 2010.

<sup>145</sup> JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica Familiaris Consortio*, n°43, 62.

<sup>146</sup> *Ibidem*, n°42.

<sup>147</sup>PEREIRA, J. A., *Nós e o Mundo. Manual de Educação Moral Religiosa Católica*, 6º Ano, Secretariado Nacional da Educação Cristã, 123.

se podem aprender os valores morais, a começar a honrar a Deus e a fazer bom uso da liberdade. No contexto familiar “ a criança recebe os primeiros afetos e aprende a relacionar-se com os outros. Desde o seu nascimento, está desperta para o amor, sendo necessário que o vivencie através da relação com os outros membros da comunidade familiar”<sup>148</sup>.

Para o desenvolvimento harmonioso da personalidade da criança, é preciso que na família se promova com afeto a confiança, o respeito, a responsabilidade e a liberdade. A criança, “em todo o seu processo de crescimento, necessita de orientação e apoio dos membros mais velhos do seu agregado familiar. A experiência de se sentir respeitada é muitíssimo importante. E ser respeitada significa ser considerada pelo seu valor enquanto pessoa que precisa de cuidados especiais e não apenas enquanto membro de um grupo”<sup>149</sup>. A família, na sua essência, constitui “a primeira escola dos afetos, o berço da vida humana, onde o mal pode ser enfrentado e superado. A família é um recurso precioso de bem para a sociedade. Ela constitui a semente da qual nascerão outras famílias, chamadas a melhorar o mundo”<sup>150</sup>. Em todo este processo de desenvolvimento é enriquecedora presença do modo masculino e do modo feminino de ser-se humano.

A família é o espaço onde se transmite às crianças, em primeira mão, valores e conceitos fundamentais da sociedade “não apenas através de palavras, mas sobretudo através de gestos concretos”<sup>151</sup>. É, portanto, na família que se desenvolve, sustentadas num projeto, a identidade e o sentido crítico da criança perante as injustiças sociais, preparando-a para dar o seu contributo na construção de sociedades justas e autênticas.

---

<sup>148</sup> *Ibidem.*

<sup>149</sup> *Ibidem.*

<sup>150</sup> PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA, *A Família, o Trabalho e a Festa, Catequeses preparatórias para o VII Encontro Mundial das Famílias*, Editora Lucerna, Cascais, 2011, 48.

<sup>151</sup> PEREIRA, J. A., *Nós e o Mundo. Manual de Educação Moral Religiosa Católica*, 6º Ano, Secretariado Nacional da Educação Cristã, 123.

A família é, assim, um importante agente de socialização onde se faz a verdadeira experiência de vida, onde se corrigem defeitos e imperfeições, onde se toma consciência das fraquezas e onde se modelam personalidades, permitindo a cada pessoa integrar-se e desenvolver-se com sucesso nos seus papéis sociais.

### **3. Opção familiar como projeto de vida**

Segundo Walter Kasper<sup>152</sup> “a maioria dos jovens procuram também hoje a felicidade da sua vida numa união estável de homem e mulher com filhos”. No entanto, e na continuidade da análise do mesmo autor, “o número de divórcios e de separações familiares, e, por conseguinte, o número dos que fracassam na realização do seu projeto de vida, tem aumentado de forma dramática”<sup>153</sup>.

De facto, optar por uma família é uma mudança profunda no ser e no estar dos projetos individuais de cada um dos cônjuges até então, para assumir a complexa relação interpessoal de “vida conjugal, paternidade, maternidade, filiação e fraternidade”<sup>154</sup>. Razão pela qual muitos jovens “não arriscam, atemorizados frente à perspectiva da celebração de um matrimónio ou da fundação de uma família; ou então praticam outras formas de vida e de família (famílias monoparentais, famílias reconstituídas, comunidades de vida não conjugal, comunidades de vida homossexuais ou existências individuais<sup>155</sup>)”. São estes os sinais de bem-estar egoísta, e de angústia e incerteza quanto ao futuro que degradam a qualidade das

---

<sup>152</sup> AUGUSTIN, G., (Coord.), *Matrimónio & Família*, 131.

<sup>153</sup> *Ibidem*.

<sup>154</sup> JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica Familiaris Consortio*, 28.

<sup>155</sup> AUGUSTIN, G., (Coord.), *Matrimónio & Família*, 132.

relações interpessoais no matrimónio ou inviabilizam a opção familiar como projeto de vida, “numa sociedade agitada e desagregada por tensões e conflitos em razão do violento choque entre os diversos individualismos e egoísmos”<sup>156</sup>.

No entanto, para criar uma família é preciso construir um casal. Quanto mais sólida for a relação deste casal mais consistente será o seu projeto, pois desta relação brotam entre os cônjuges princípios comuns e pontos de concordância que dão sentido à vida desta família, o sentimento profundo da felicidade, o seu projeto de vida. A vida familiar existe quando existe amor e o amor gera felicidade.

A vocação humana para o amor não se reduz ao “aspeto sexual” e o matrimónio não está “fora de moda”, tal afirmou aos jovens Papa Francisco<sup>157</sup>, na 30ª Jornada Mundial da Juventude: “Exorto-vos a rebelar-vos contra a tendência generalizada de banalizar o amor, sobretudo quando se procura reduzi-lo apenas ao aspeto sexual, desvinculando-o assim das suas características essenciais de beleza, comunhão, fidelidade e responsabilidade”. Refere ainda<sup>158</sup> que “a grande riqueza afetiva”, o “desejo profundo dum amor verdadeiro, belo e grande”, é sinal da “capacidade de amar e ser amados”, “não permitais que este valor precioso seja falsificado, destruído ou deturpado”. Por conseguinte, constituir família através do sacramento do matrimónio não está “fora de moda” e a “cultura do provisório” deve ser rejeitada. Como alude Francisco no discurso aos voluntários da Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro, a 28 de julho de 2013, “na cultura do provisório, do relativo, muitos pregam que o importante é ‘curtir’ o momento, que não vale a pena comprometer-se por toda a vida, fazer escolhas definitivas, ‘para sempre’, uma vez que não se sabe o que

---

<sup>156</sup> JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica Familiaris Consortio*, nº37, 55.

<sup>157</sup> <http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/vaticano/juventude-papa-diz-aos-jovens-para-o-amor-e-mais-do-que-o-aspeto-sexual-e-o-matrimonio-esta-na-moda>, consultado em 29 de abril 2016.

<sup>158</sup> *Ibidem*.

reserva o amanhã”<sup>159</sup>. Portanto, ao rejeitar a “cultura do provisório”, o jovem acredita que é responsável para assumir as suas próprias responsabilidades familiares de “comunhão pessoal de vida e fidelidade incondicional”<sup>160</sup>, que é capaz de amar de verdade e que tem a coragem para “ir contra a corrente” e “ser feliz!”<sup>161</sup>. Por isso, a “família cristã, nascida de um matrimónio que é imagem e participação da aliança de amor entre Cristo e a Igreja, manifestará a todos a presença viva do Salvador no mundo e a autêntica natureza da Igreja, quer por meio do amor dos esposos, quer pela sua generosa fecundidade, unidade de fidelidade, quer pela amável cooperação de todos os seus membros”<sup>162</sup>.

Assim, a opção familiar como projeto de vida hoje, numa sociedade despersonalizada e massificada, consiste em, reconhecer o valor da vida e da família. Só assim percebemos, com a força do amor, como vale a pena lutar, trabalhar e esforçarmo-nos em favor de um projeto de uma “família plenamente viva”<sup>163</sup>.

---

<sup>159</sup>[https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco\\_20130728\\_gmg-rio-volontari.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130728_gmg-rio-volontari.html), consultado em 29 de abril 2016.

<sup>160</sup> AUGUSTIN, G., (Coord.), *Matrimónio & Família*, 106.

<sup>161</sup> *Ibidem*, [https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papafrancesco\\_20130728\\_gmg-rio-volontari.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papafrancesco_20130728_gmg-rio-volontari.html), consultado em 29 de abril 2016.

<sup>162</sup> CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Gaudium et Spes*, nº48, 381.

<sup>163</sup> “*Amor é a nossa missão: Família plenamente viva*”, Preparatório para Catequese, Encontro Mundial das Famílias, Filadélfia, 2015, <http://www.worldmeeting2015.org/wp-content/uploads/2014/07/O-amor-%C3%A9-a-nossa-miss%C3%A3oPR-final.pdf>, consultado em 29 abril 2016.

#### 4. Breve estudo a partir da UL3 9º ano

##### 4.1. Análise da primeira Ficha de Referência à UL3

Segundo Sarmento<sup>164</sup>, a análise quantitativa “trata a frequência do aparecimento de certas características e aplica métodos de estatística descritiva e inferencial”. Na sequência, vamos neste subcapítulo, fazer a análise quantitativa das respostas válidas à Ficha de Referência da UL3 realizadas aos dezasseis alunos da turma atribuída, onde realizei o estágio. Por aplicação dos métodos de estatística descritiva e inferencial vamos analisar as respostas dadas e tirar as consequentes conclusões e responder à questão principal formulada.

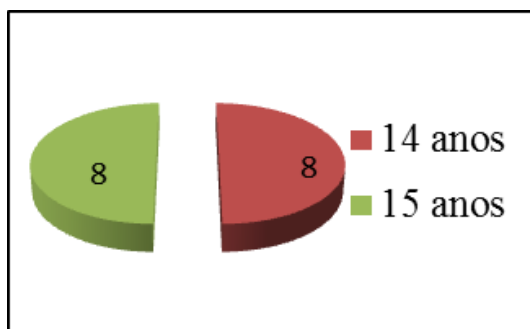
A Ficha de Referência (Anexo B) foi disponibilizada aos dezasseis (16) alunos das turmas B/D do 9º ano, na primeira aula desta UL3. Dos quais, doze (12 alunos) são do sexo masculino e quatro (4 alunos) do sexo feminino, Gráfico nº 28, com idades de catorze (8 alunos) e quinze anos (8 alunos) respetivamente, Gráfico nº 29.



Gráfico nº 28 – Composição da turma por sexo masculino e feminino

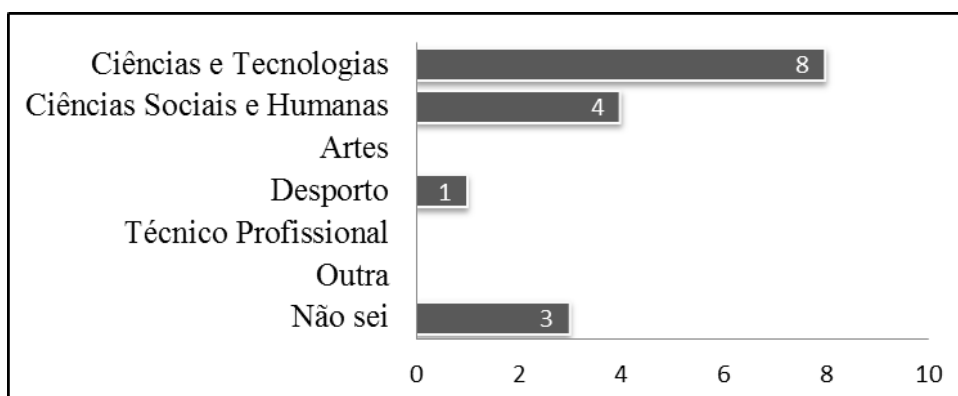
---

<sup>164</sup>SARMENTO, M., *Metodologia Científica para a Elaboração Escrita e Apresentação de Teses*, Universidade Lusíada Editora, Lisboa, 2013, 48.



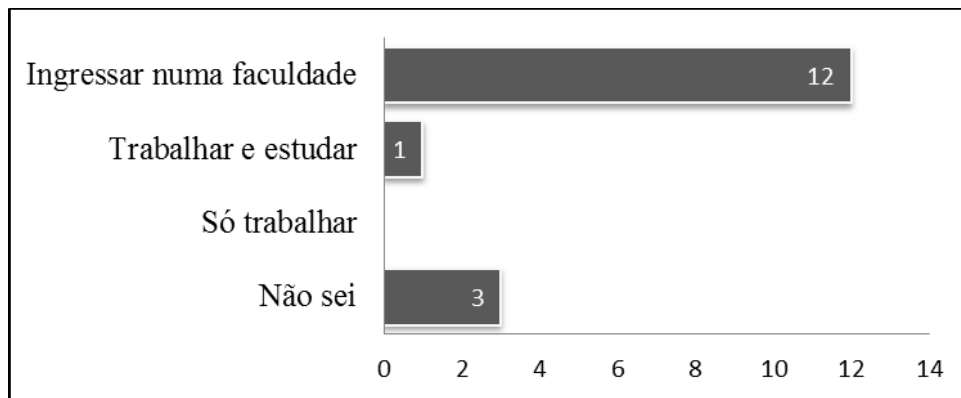
**Gráfico nº 29 – Universo das Idades dos alunos**

A partir da análise descritiva da mostra das respostas válidas, podemos observar que 50% dos alunos (8) pretendem escolher a área de ensino Ciências e Tecnologia; 25% (4 alunos) Ciências Sociais e Humanas; 6% (1 aluno) Desporto e 19% (3 alunos) não sabem que área escolher, Gráfico nº 30.



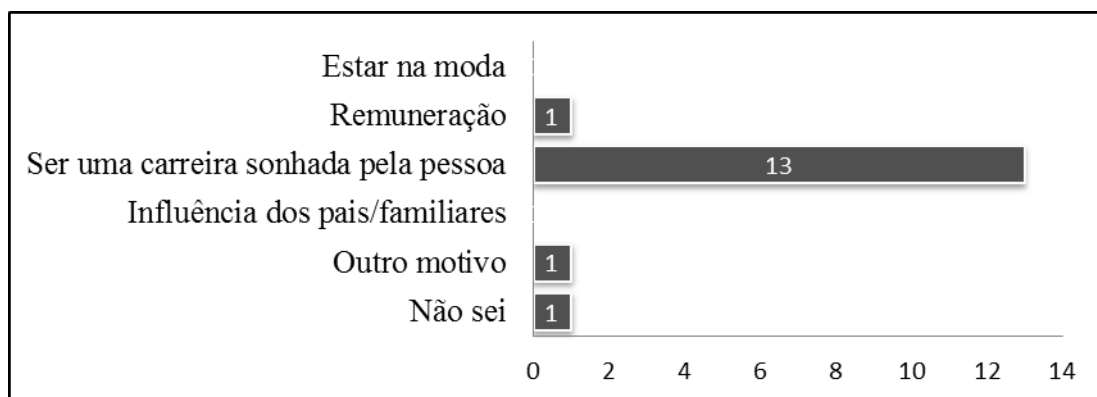
**Gráfico nº 30 – área de ensino pretendida**

Quanto ao rumo que pretendem dar quando concluírem o ensino secundário, 75% (12 alunos) pretendem ingressar na faculdade, 6% (4 alunos) trabalhar e estudar e 19% (3 alunos) não sabem o que querem para o futuro a curto prazo, Gráfico nº 31.



**Gráfico nº 31 – Objetivos para quando concluírem o ensino secundário**

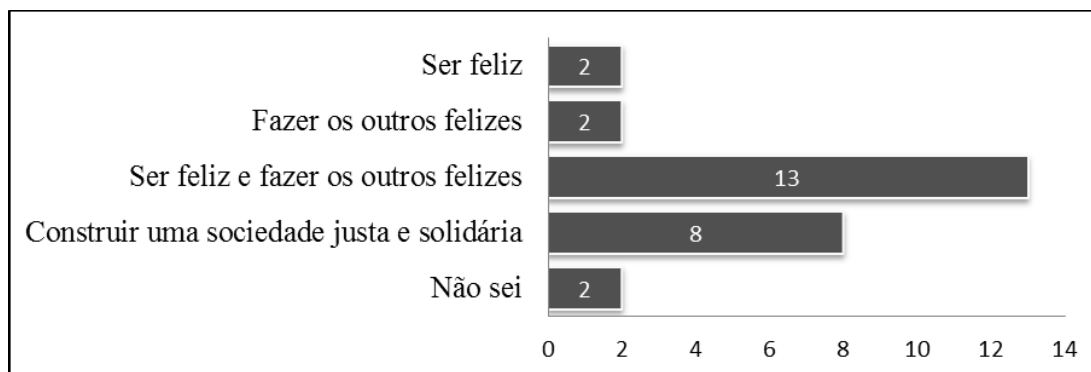
Quando questionados acerca dos motivos que levam à escolha da profissão, 82% (13 alunos) responderam “ser uma carreira sonhada pela pessoa” e 6% (1 aluno) responderam respetivamente, que o que condicionava a escolha era a remuneração, um outro “outro motivo” sem especificar qual e por fim outro respondeu não saber. Gráfico nº 32.



**Gráfico nº 32 – Motivo que leva à escolha da profissão**

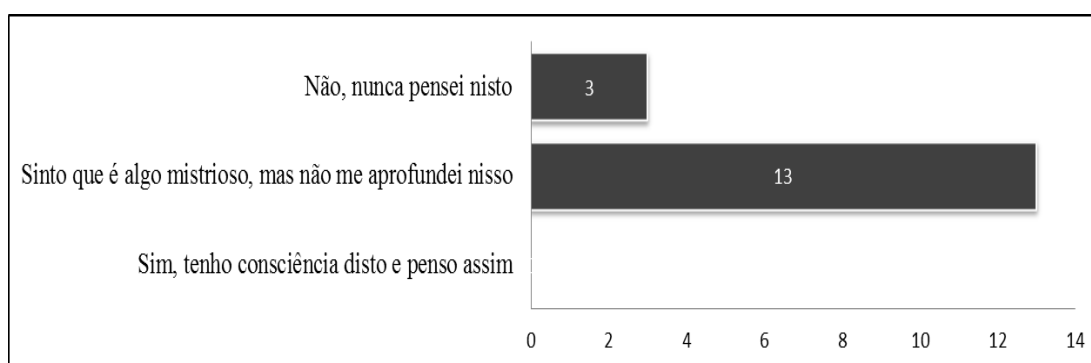
Da caracterização da amostra, podemos observar que, embora estejamos a analisar respostas de alunos de 14 e 15 anos, cerca de 81% (13 alunos) já sabem o que querem e o rumo a dar às suas vidas aquando terminarem o ensino secundário e o motivo da escolha da profissão.

Relativamente ao que os alunos querem mesmo, das 27 respostas dadas (porque puderam escolher várias opções), 48% (13 alunos) dizem querer “ser feliz e fazer os outros felizes”, 30% (8 alunos) querem construir uma sociedade justa e solidária e por fim dos restantes 21% (6 alunos), 7% (2 alunos) dizem respetivamente querer “ser feliz”, “fazer os outros felizes” e “não sabe” o quer mesmo. Gráfico nº 33.



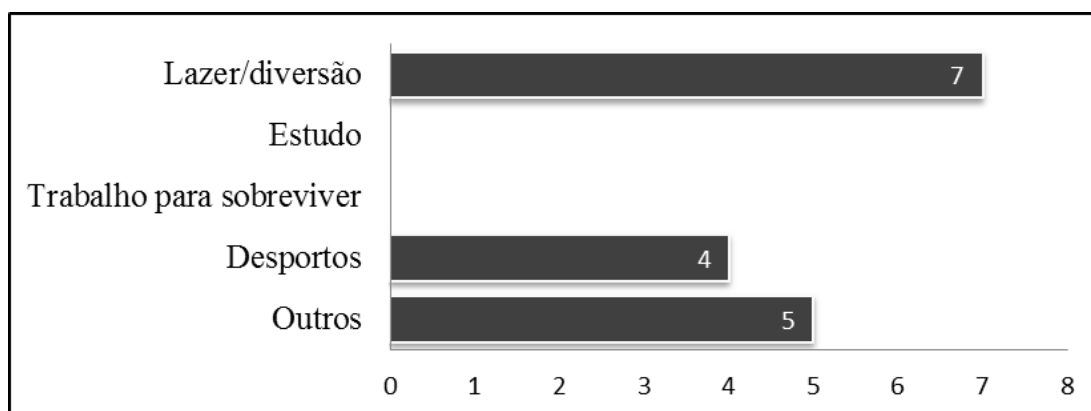
**Gráfico nº 33 – O que o aluno quer mesmo**

Quando questionados com a pergunta “*Reconheces a procura de felicidade como uma voz ou estímulo de Deus, dentro de ti?*”, 81% (13 alunos) dizem que o que sente é algo misterioso e que não se aprofundou nisso, os restantes 19% (3 alunos) dizem que não e que nunca pensaram acerca do assunto desta questão. Gráfico nº 34.



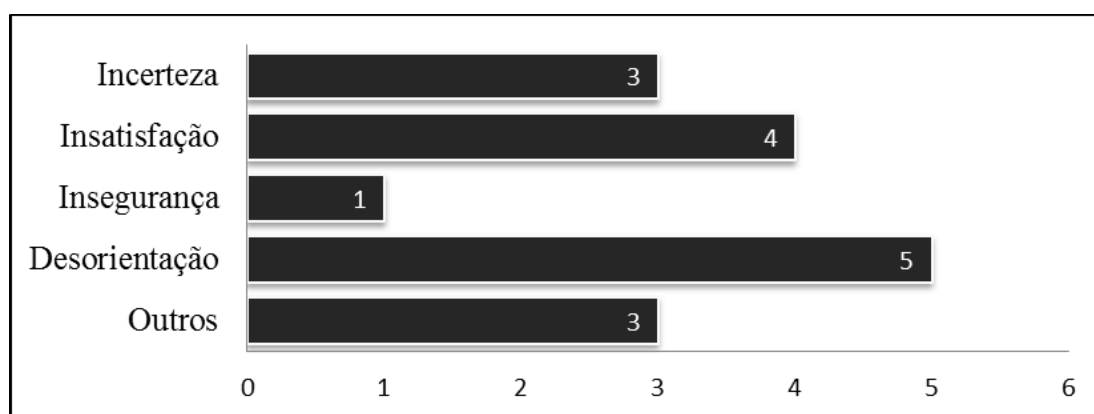
**Gráfico nº 34 – A procura da felicidade como uma voz ou estímulo de Deus**

Quanto à questão “*Em que direções orientas a procura e anseio de felicidade?*”, 44% (7 alunos) respondem no lazer/diversão, 25% (4 alunos) nos desportos e 31% (5 alunos) não se identificam com as opções disponibilizadas. Gráfico nº 35.



**Gráfico nº 35 – Orientações na procura da felicidade**

Em resposta à questão “*Que angústias ou problemas sente o jovem nesta procura pessoal de felicidade?*”, 31% (5 alunos) respondem “desorientação”; 25% (4 alunos) “insatisfação”; 19% (3 alunos) “incerteza”; 19% (3 alunos) “outros” e 6% (a aluno) “insegurança”. Gráfico nº 36.



**Gráfico nº 36 – Angústia e problemas na procura de felicidade**

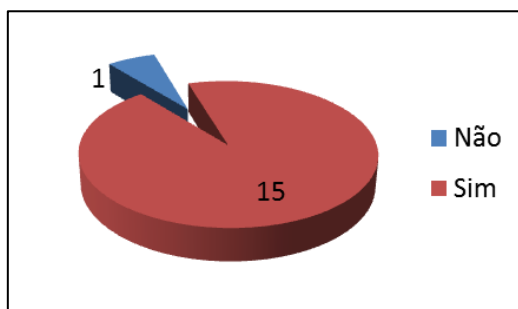
Da análise à questão da felicidade, podemos registar que grande parte dos alunos têm consciência que ser feliz é fazer os outros felizes (48%) e que a procura da felicidade como uma voz ou estímulo de Deus é algo misterioso (81%). Quanto à orientação da procura da felicidade, 44% dos inquiridos encontram-na no lazer/diversão. No que às angústias ou problemas sente o jovem nesta procura, o registo é mais equitativo. No entanto, a desorientação e a insatisfação são os indicadores mais referenciados, 31% e 25% respetivamente.

Em resposta à questão “ *Achas que os jovens de hoje, de modo geral:*”, 64% (10 alunos) respondem que são indiferentes e desinteressados. Dos restantes 34% (6 alunos), 12% (2 alunos) não têm sensibilidade pelos valores religiosos, 12% (2 alunos) vivem uma crise diante dos valores religiosos e 12% (2 alunos) são sensíveis aos valores religiosos. Gráfico nº 37.



**Gráfico nº 37 – Os jovens de hoje, de modo geral**

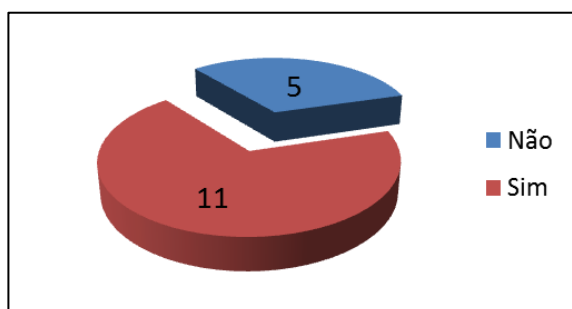
Quanto à questão “*Consideras a formação de uma família e a experiência da vida familiar importantes para os jovens de hoje?*”, 94% (15 alunos) consideraram que sim enquanto apenas 6% (1 aluno) respondeu que não. Gráfico nº 38.



**Gráfico n° 38 – Importância da família para os jovens de hoje**

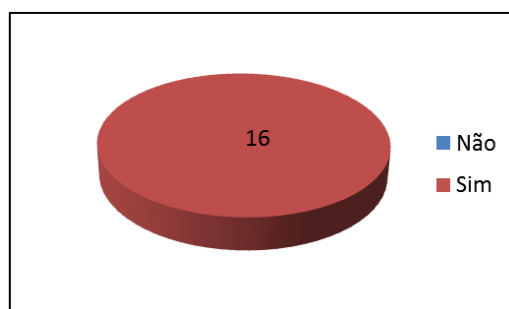
Em resposta à questão “*Consideras a vocação cristã importantes para o teu crescimento?*”, 69% (11 alunos) respondem que sim e 31% (5 alunos) consideram que não.

Gráfico n° 39.



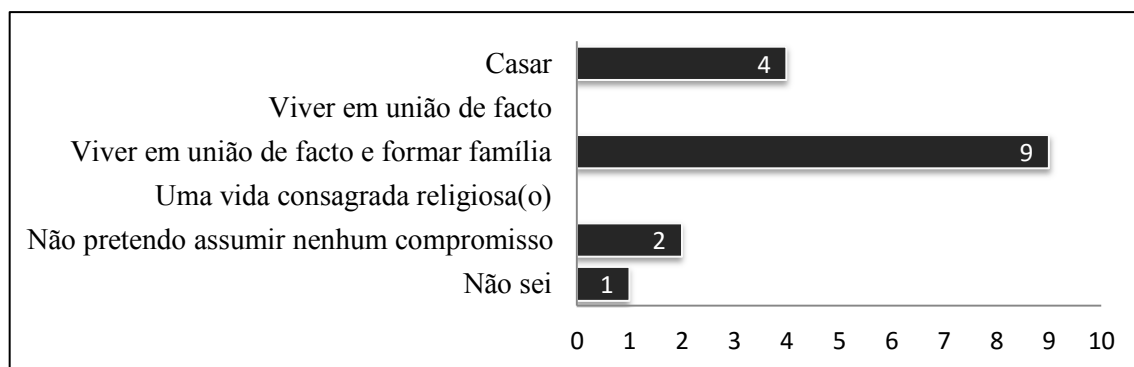
**Gráfico n° 39 – Vocação cristã importante para o crescimento do jovem**

Relativamente à questão “*Consideras a família importante para a construção do teu projeto de vida?*”, todo o universo inquirido respondeu que sim. Gráfico n° 40.



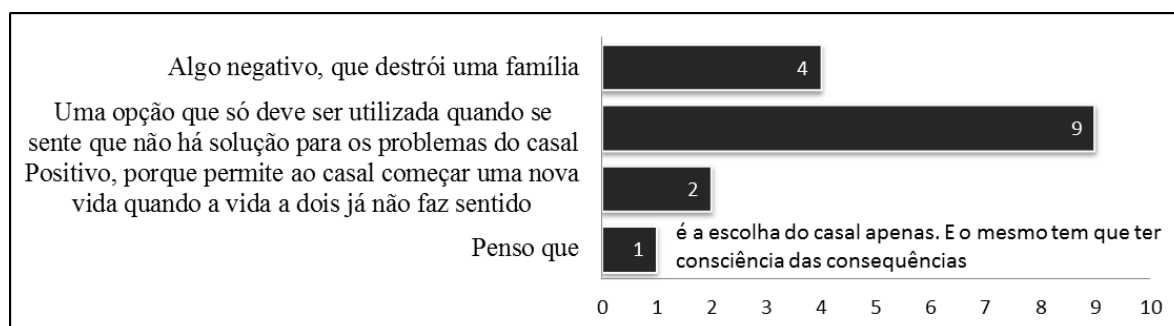
**Gráfico n° 40 – Importância da família na construção do projeto de vida**

À questão “*Consideras ter vocação para:*”, 56% (9 alunos) responderam ter vocação para viver em união de facto e formar família, 25% (4 alunos) pretendem casar, 13% (2 alunos) não pretende assumir nenhum compromisso, por fim 6% (1 aluno) não sabe. Gráfico nº 41.



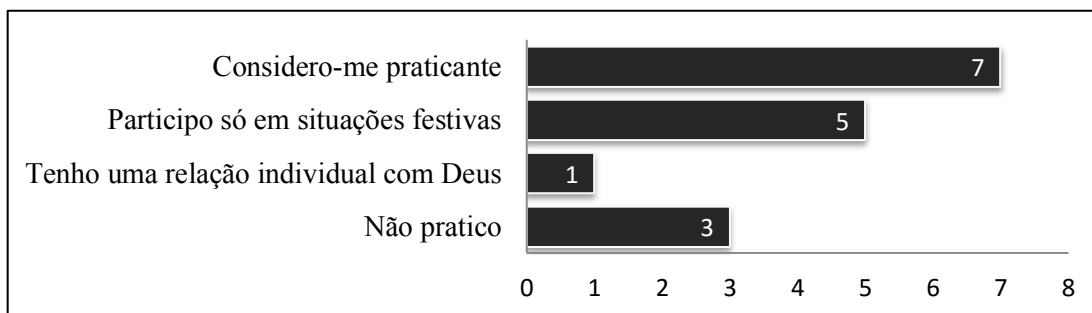
**Gráfico nº 41 – Para a questão vocacional**

Quando questionados acerca do divórcio, 56% (9 alunos) responderam que é uma solução que só deve ser utilizada quando se sente que não há solução para os problemas do casal, 25% (4 alunos) consideram que é algo negativo porque destrói uma família, 13% (2 alunos) afirmam que é positivo, porque permite ao casal começar uma nova vida quando a vida a dois já não faz sentido. Por último e num texto livre, 6% (1 aluno) respondeu “*é a escolha do casal apenas. E o mesmo tem que ter consciência das consequências*”. Gráfico nº42.



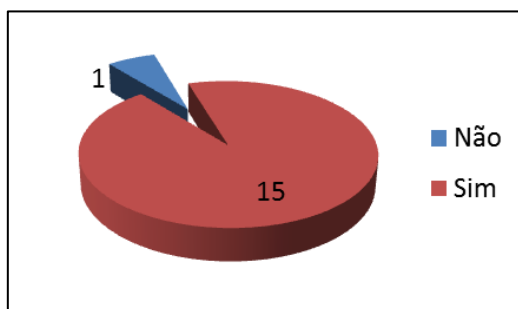
**Gráfico nº 42 – Opinião sobre o divórcio**

Relativamente à prática religiosa, 44% (7 alunos) consideram-se praticantes, 31% (5 alunos) dizem participar só em situações festivas, 6% (1 aluno) diz ter uma relação individual com Deus e 19% (3 alunos) registam que não são praticantes. Gráfico nº 43.



**Gráfico nº 43 – Prática religiosa**

Por fim e em resposta à questão “*Achas que a disciplina de EMRC ajuda-te a abrir novos horizontes para a vida?*”, 94% (15 alunos) dizem que sim e 6% (1 aluno) refere que não. Gráfico nº 44.



**Gráfico nº 44 – A importância da EMRC nos horizontes para a vida**

Da análise das questões, da nº 10 em diante, podemos realçar a importância que dão à família na construção do projeto de vida (100%) e à experiência da vida familiar para os jovens de hoje (94%), apesar de considerarem que os jovens de hoje são de modo geral indiferentes e desinteressados (64%). Destacamos ainda a importância da vocação cristã

(69%), apesar de 44% se considerar praticante, para o crescimento do jovem e a vocação para viver em união de facto e formar família (56%). Quanto ao divórcio as opiniões são diferenciadas, embora se registe a resposta mais relevante (56%) que o considera como uma posição que só deve ser utilizada quando se sente que não há solução para os problemas do casal. Por fim, os inquiridos consideram (94%) que a EMRC ajuda a abrir novos horizontes para a sua vida.

#### 4.2. Análise comparativa com a segunda Ficha de Referência

Ministrado a mesma Ficha de Referência às mesmas turmas, aquando do término da UL3, fizemos a análise correlacional dos dois inquéritos e destacamos os seguintes desvios:

Relativamente à questão “*Reconheces a procura de felicidade como uma voz ou estímulo de Deus, dentro de ti?*”, observa-se que dos 81% (13 alunos) que tinham respondido “sentir que é algo misterioso, mas que não se aprofundou nisso”, Gráfico nº 34, regista-se, agora, nos 62% (10 alunos). Diferencial de 19% (3 alunos) que se deslocou para a opção “sim, tenho consciência disto e penso assim”. Gráfico nº 45.

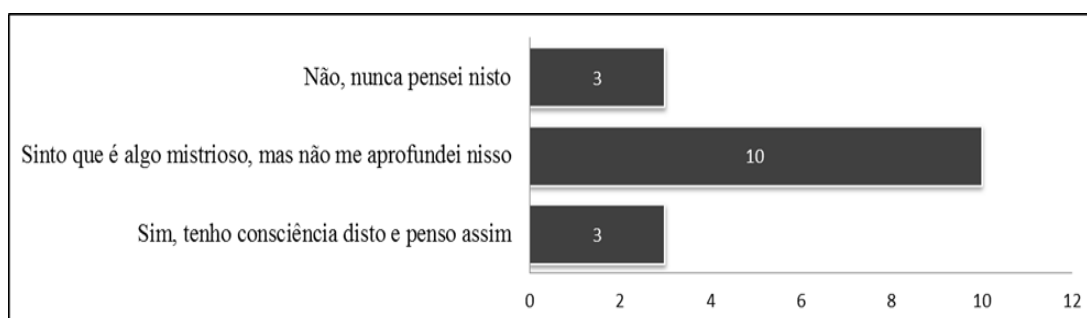
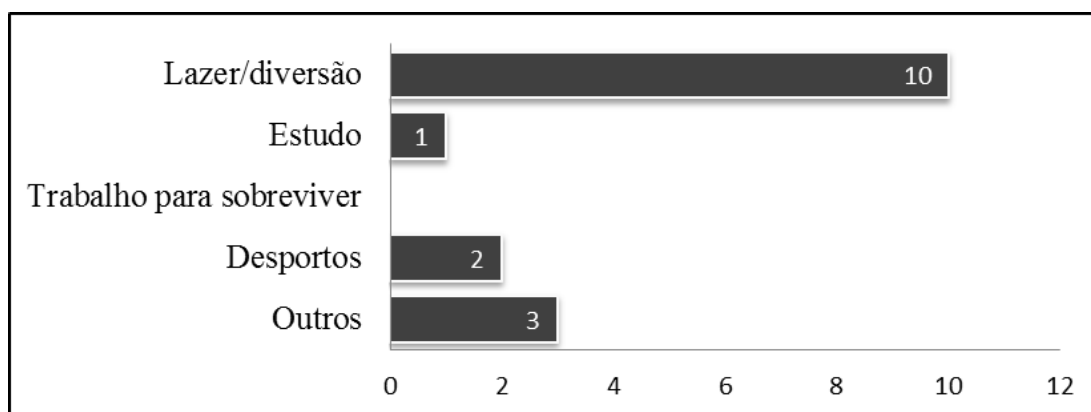


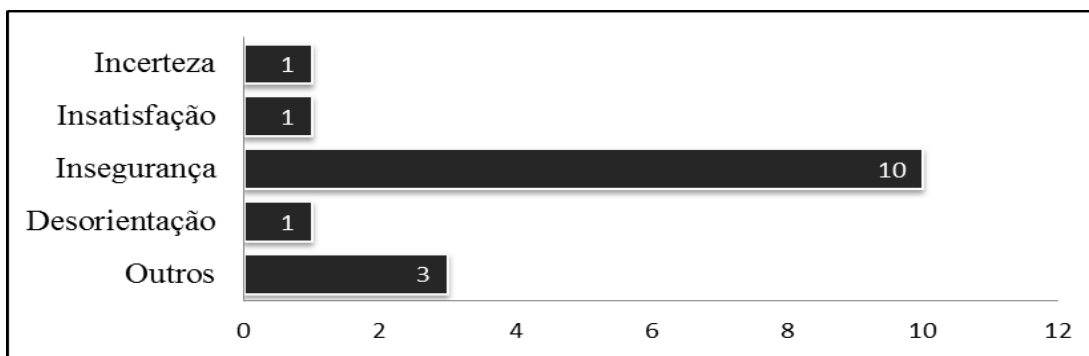
Gráfico nº 45 - A procura felicidade como voz ou estímulo de Deus (2ª Ficha)

Quanto às orientações na procura da felicidade, observa-se agora uma maior distribuição das respostas pelas diferentes opções, relativamente às observadas no primeiro inquérito - Gráfico nº 35. No Gráfico nº 46 podemos verificar, relativamente ao anterior inquérito, um incremento de 18% (3 alunos) na opção “Lazer/diversão” e de 6% (1 aluno) no “Estudo”, comparativamente, nas opções “Desportos” e “Outros” anota-se um diferencial negativo de 12% (2 alunos) em cada uma.



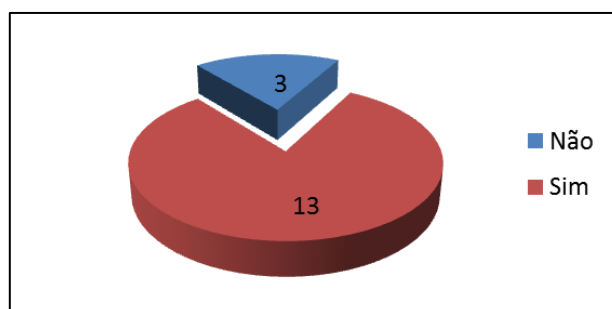
**Gráfico nº 46 – Orientações na procura da felicidade (2ª Ficha)**

Analogamente, à questão das angústias ou problemas que sente o jovem na procura pessoal da felicidade, observa-se que os inqueridos se sentem maioritariamente inseguros, 63% (10 alunos), Gráfico nº 36, comparado com a distribuição aproximadamente equitativa das respostas dadas no primeiro inquérito – Gráfico nº 47.



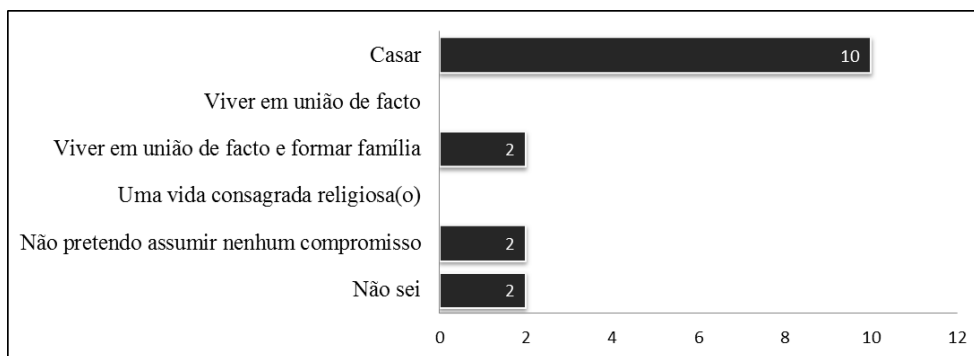
**Gráfico nº 47 – Angústias e problemas na procura da felicidade (2ª Ficha)**

Quando confrontados com a questão “*Consideras a vocação cristã importante para o teu crescimento*” observa-se, agora, um incremento de 12% (2 alunos) aos que respondem “Sim”, relativamente ao anterior inquérito – Gráfico nº 39. Gráfico nº 48.



**Gráfico nº 48 - Vocação cristã importante crescimento do jovem (2ª Ficha)**

Por fim, das opções disponíveis na questão “se considera ter vocação para” verifica-se um acentuado diferencial positivo de alunos que consideram agora terem vocação para casar 36% (6 alunos) - Gráfico nº 49, comparado com o anterior, Gráfico nº 41. Regista-se ainda, pela sua importância a redução do número de respostas, 23% (7 alunos), dos que consideravam ter vocação para viver em união de facto e formar família, fixando-se nos dois alunos que mantiveram a mesma opinião inicial.



**Gráfico n° 49 – Ter vocação para (2ª Ficha)**

Sintetizando, da análise correlativa, podemos referenciar pela sua importância a reformulação de opinião dos alunos, no final da UL3, que passaram a reconhecer a procura da felicidade como uma voz ou estímulo de Deus, dentro dele; a manifesta insegurança do jovem na procura pessoal da felicidade; o reforço de opinião dos que consideram a vocação cristã para o seu crescimento e por fim, o incremento significativo dos que agora consideram ter vocação para casar em detrimento dos que consideravam a opção de viver em união de facto e formar família.

## CONCLUSÃO

Hoje, vivemos tempos de incertezas e de exigências sociais e económicas opressoras, que fazem com que o futuro e as expectativas dos jovens se apresentem como enorme provação, especialmente na sua educação e preparação, para responderem expeditamente a tais desafios. São exemplo a desestruturação da família, as novas tipologias familiares, o individualismo, a precaridade laboral, a corrosão dos direitos sociais, o desinteresse e as dificuldades de integração, entre outros, nem sempre compatível com a vivência familiar saudável. Exemplos que trazem novos desafios e responsabilidades à disciplina de EMRC, na formação integral do aluno e na conceptualização da família, como projeto de vida, orientando-o para a concretização do objetivo último da sua existência, a felicidade.

Nesta perspetiva, conceptualizar a família como projeto de vida é dar sentido e direção a um conjunto de decisões e ações coordenadas e interrelacionadas na construção de um projeto de dois a dois, unidos pelo amor na procura da felicidade. É desta união que nasce um projeto de vida do casal, sob o qual edificam a sua nova vida, sustentado no amor e na solidariedade. De facto, é nesta nova vida, em família, onde aprendemos a dar os primeiros de muitos passos, as primeiras de muitas palavras e as primeiras relações humanas que servirão de base para a nossa personalidade, é, onde aprendemos a ser pessoa. Em consequência, a família, como projeto de vida a dois, é fundamental na construção do projeto de vida individual, pois é nela que se ergue os pilares principais da educação e da socialização. É, portanto, nela, edificada num projeto de vida, que se ensina a criança, semente da continuidade geracional, a crescer com objetivos, a aprender e integrar valores, a viver em

sociedade e a partilhar o amor para uma cidadania responsável, de um modo geral, é na família que se ensina a arte de viver. Tal com alude João Paulo II, na Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, a família “*torna-te aquilo que és*”. Esta é a real importância da família na construção do projeto de vida, na construção da dimensão constitutiva da própria vida.

No entanto, optar por uma família, como projeto de vida cristã, é corporizar uma mudança profunda no ser e no estar individual dos cônjuges para assumir a desafiante e não menos complexa relação interpessoal, a dois, em torno de objetivos e princípios comuns de vida conjugal, de paternidade, de filiação e de fraternidade, que dão sentido à vida desta família, o sentimento comum de felicidade. Opção, embora severamente condicionada pelo individualismo egoísta e pela angústia e incerteza em relação ao futuro, quando fundada e vivificada pelo amor, no sacramento do matrimónio, permite o casal completar-se e apoiar-se mutuamente no esforço cooperativo em favor de um projeto de uma família plenamente viva. Pois, quanto mais sólido for o amor na relação deste casal mais sólida será a sua felicidade e mais consistente será o seu futuro, o seu projeto de vida.

Na continuidade, por aplicação dos métodos de estatística descritiva e inferencial, fizemos a análise quantitativa das respostas válidas à Ficha de Referência disponibilizada aos alunos das turmas B/D do 9º ano, na primeira e última aula da UL3 – *O Projeto de Vida*, com o objetivo de aferir as respetivas perceções antes e depois de ministrada a temática desta UL3.

Assim, da análise crítica comparativa dos resultados obtidos nas duas Fichas de Referência, podemos anotar, pela diferença analítica observada, que alguns alunos reformularam a opinião em relação às respostas dadas na primeira Ficha. Nomeadamente, os que passaram a reconhecer a procura da felicidade como uma voz ou estímulo de Deus, dentro dele; a insegurança manifestada na procura pessoal da felicidade; o reforço de opinião dos que consideram a vocação cristã para o seu crescimento e por fim, o aumento significativo dos que agora consideram ter vocação para casar em detrimento dos que consideravam a opção de

viver em união de facto e formar família. Resultados que nos conduzem para a importância da EMRC e a legitimam, pela sua especificidade, na ajuda à construção da individualidade e do “eu” integral do aluno. Por isso, o papel do professor de EMRC é decisivo no desenvolvimento do aluno como pessoa e como membro de uma sociedade, pois é ele que deve preocupar-se em dar as linhas orientadoras ao aluno para a descoberta da sua própria identidade e desenvolver-se como pessoa humana nas diferentes dimensões.

Por fim, em resposta à questão de partida “*Pode a vocação cristã ao matrimónio e à família constituir um projeto de vida cristã?*”, a família cristã, como comunidade de vida e de amor que tem o seu início no amor do casal, consolida-se na vivência do matrimónio cristão. Em conjunto, os cônjuges idealizam como seu projeto de vida. Projeto que se edifica e fortifica no amor conjugal e na descendência, fruto deste mesmo amor.

## BIBLIOGRAFIA

- ARENDS, I. R., *Aprender a Ensinar*, Editora McGraw-Hill, Madrid, 2008.
- AMBROSIO, J., “Finalidades, Domínios de Aprendizagem e Metas Curriculares”, in *A Partir do Coração do Evangelho*. *Evangelii Gaudium* 178, *Revista de Catequese e Educação*, 31-32 (2015) 63-81.
- AMBROSIO, J., *Viver com o sabor do Infinito. Um olhar sobre a família*, Alétheia Editores, Lisboa, 2010.
- AUGUSTIN, G. (Coord.), *Matrimónio & Família*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2014.
- Bíblia Sagrada*, Difusora Bíblica, Lisboa, Maio, 2000.
- CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Declaração A Educação Cristã, (Gravissimum Educationis)*, Editorial A. O., Braga, 1983, 201-212.
- CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição pastoral A Igreja no mundo actual, (Gaudium et Spes)*, Editorial A. O., Braga, 1983, 343-418.
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação: Direito e dever – missão*, 2002.
- CONSELHO PONTIFÍCIO «JUSTIÇA E PAZ», *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, Editora Principia, 1ª edição, 2005, 147-174.
- DUQUE, J. M., “Breve Antropologia da Família”, *Theologica*, II Série, Vol. XLIX, Fasc. 2, Braga, 2014, 231-244.

- DUQUE, J. M., “Santíssima Trindade adoro-Vos profundamente, Itinerário Temático do Centenário da Aparições de Fátima”, *1º Ciclo, Coleção Fátima Itinerários, Santuário de Fátima*, 2010.
- GOMES, M., “Opção Fundamental”. *Communio – Revista Internacional Católica*. Ano XIV/1 (1997) 70-84.
- INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS RELIGIOSA A DISTÂNCIA “San Agustín”, *Ensino Religioso Escolar*, Madrid, 2004.
- JOÃO PAULO II, *Carta às Famílias*, nº 6, Editora Rei dos Livros, Lisboa, 1994.
- JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica Familiaris Consortio*, São Paulo, Lisboa, 1994.
- JOÃO PAULO II, *Homilia no Jubileu das Famílias*, nº 5, 15 de Outubro de 2000.
- LOURENÇO, J., “Dimensão profética da EMRC A Escola, o Docente, o Educando Sinais proféticos da EMRC”, in *A partir do coração do Evangelho*. *Evangelii Gaudium* 178, *Revista de Catequese e Educação*, 31-32 (2015) 123-131.
- MOITA, F., “A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual”, in *Pastoral Catequética*, 26 (2013) 53-74.
- PALMA A., *A Trindade é um mistério*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2014.
- PAPA FRANCISCO, “Exortação Apostólica Pós-Sinodal” *Amoris Laetitia*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2016.
- PEDRINHO, D. O., “A missão Evangelizadora em contexto escolar: desafios atuais ao professor de EMRC”, in *Fórum Pensar a Escola, Preparar o Futuro*. *Revista de Catequese e Educação*, 23 (2012) 125-139.

- PEDRINHO, D. O., “Competência Científica e Competência Educativa do Professor de Educação Moral e Religiosa Católica”, in *Educação Cristã. Revista de Catequese e Educação*, 21-22 (2012) 21-36.
- PEREIRA, J. A., *Nós e o Mundo. Manual do aluno de Educação Moral Religiosa Católica*, 6º Ano, Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2011.
- PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA, *A Família, o Trabalho e a Festa. Catequese preparatórias para o VII Encontro Mundial das Famílias*, Editora Lucerna, Cascais, 2011.
- SÁ CARVALHO, C., “Pressupostos epistemológicos e pedagógicos do desenvolvimento curricular em Educação Moral e Religiosa Católica, edição 2014”, in *A Partir do Coração do Evangelho. Evangelli Gaudium 178, Revista de Catequese e Educação*, 31-32 (2015) 29-61.
- SARMENTO, M., *Metodologia Científica para a Elaboração Escrita e Apresentação de Teses*, Universidade Lusíada Editora, Lisboa, 2013.
- SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Lisboa, 2014.
- SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Quero Ser*, Lisboa, 2015.
- SILVA, A. E., *Discurso de abertura, Ministro da Educação*, I Congresso de professores de Educação EMRC, Lisboa, 2001.
- URBANO, E., “A identidade do docente de Educação Moral e Religiosa Católica”, in *Fórum Pensar a Escola, Preparar o Futuro. Revista de Catequese e Educação*, 23 (2012) 117-124.

III ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, *Os desafios pastorais da família no contexto da evangelização*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2014.

XIV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, *A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2.<sup>a</sup> edição, 2015.

### **Decretos de Lei**

Decreto-Lei n.º 132/2012, de 27 de Junho; Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de Julho.

Decreto-Lei n.º 70/2013, de 23 de Maio; Despacho n.º 6809/2014 de 23 de Maio.

### **Net Grafia**

PROJETO EDUCATIVO – [http://agml.pt/assets/pee\\_2013.pdf](http://agml.pt/assets/pee_2013.pdf), consultado em 29 de setembro 2015.

PAPA Francisco, *Homilia na Festa da Sagrada Família de Nazaré - Angelus*, em 27 dezembro de 2015. <http://www.opusdei.org/pt-br/article/natal-2015-papa-francisco/>, consultado em 13 de janeiro 2016.

BENTO XVI, *Homilia do Papa na celebração Eucarística*, Visita Pastoral à Arquidiocese de Milão e VII Encontro Mundial das Famílias, Parque de Bresso, 3 de junho de 2012, <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2012/documents/>

hf\_ben-xvi\_hom\_20120603\_milano.html, consultado em 13 de janeiro 2016.

RAMOS, A., (Bispo de Aveiro), Nota Pastoral, *As aulas de EMRC, um projeto de vida*, 6 de junho 2015, <http://www.diocese-aveiro.pt/v2/?p=12791>, consultado em 20 de março 2016.

[http://www.radiovaticana.va/proxy/portuguese/noticiario/2014\\_10\\_19.html](http://www.radiovaticana.va/proxy/portuguese/noticiario/2014_10_19.html) in 5 de abril 2016.

<http://www.leigos.pt/index.php/sinodo-dos-bispo-sobre-a-familia/429-familia-vaticano-apresentou-orientacoes-para-sinodo-de-2015>, 5 de abril 2016.

<http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/vaticano/vaticano-papa-encerrou-trabalhos-do-sinodo-com-alertas-contrarigorismo-e-facilitismo/>, texto disponível online em 5 de abril 2016.

<http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/vaticano/sinodo-2015-valores-do-matrimonio-e-da-familia-sao-resposta-ao-individualismo/>, consultado em 8 de abril 2016.

*Conferência de Encerramento do Congresso Nacional da Família Lisboa*, 12 de Outubro de 2002, <http://familiacatolica.no.sapo.pt/familia/missao.htm> consultado em 8 de abril 2016.

<http://familia.patriarcado-lisboa.pt/recursos/teologia-da-familia/> consultado 8 de abril de 2016.

“*Amor é a nossa missão: Família plenamente viva*”, Documento Preparatório para Catequese, *Encontro Mundial das Famílias*, Filadélfia, 2015, em <http://www.worldmeeting2015.org/wp-content/uploads/2014/07/O-amor-%C3%A9-a-nossa-miss%C3%A3oPR-final.pdf>, consultado em 29 de abril 2016.

[http://www.ecclesia.pt/pdf/SinodoBispos2014\\_DocumentoPreparatorio.pdf](http://www.ecclesia.pt/pdf/SinodoBispos2014_DocumentoPreparatorio.pdf), consultado em 29 de abril 2016.

<http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/vaticano/juventude-papa-diz-aos-jovens-para-o-amor-e-mais-do-que-o-aspeto-sexual-e-o-matrimonio-esta-na-moda>, consultado em 29 de abril 2016.

[https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papafrancesco\\_20130728\\_gmg-rio-volontari.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papafrancesco_20130728_gmg-rio-volontari.html), consultado em 29 de abril 2016.

<https://www.google.pt/#q=socrative>, consultado em 19 de março 2016.

## ANEXO A – Caracterização da Turma B/D do 9º ano



### Ficha do Aluno das turmas 9º B e D

Nome

Turma e número

Qual a tua nacionalidade?

Qual a tua nacionalidade?

Com quem vives?

- Pais
- Pai
- Mãe
- Outros

Encarregado de Educação

- Pai
- Mãe
- Outro

**Idade do pai**

**Idade da mãe**

**Habilitação do pai e profissão**

Pai -

**Habilitação da mãe e profissão**

Mãe -

**Tens irmãos**

- Sim
- Não

**Se sim, sou...**

- Mais velho
- Mais novo

**Gostas de estudar**

- Sim
- Não

**Em tempo de aulas a que horas te levantas?**

- Antes das 7h
- Entre as 7h e as 7.30min.

**A que horas te deitas?**

**Qual o meio de transporte que utilizas para vir para a escola?**

- Carro
- Autocarro
- A pé
- Combolo

**Quanto tempo demoras a chegar à escola?**

- 5 minutos
- 10 minutos
- 15 minutos
- 20 minutos
- 25 minutos
- 30 minutos ou mais

**Consideras a disciplina de EMRC.**

- Nada importante
- Pouco importante
- Importante
- Muito importante

**Diariamente quantas horas estudas?**

**Onde habitualmente costumavas estudar?**

- Casa
- Escola
- Centro de explicações

**Tens ajuda no estudo?**

- Pai
- Mãe
- Explicador
- Outros

**Já repetiste algum ano?**

- Sim
- Não

**Se sim, quantas vezes?**

**Tens de apoio social?**

- Sim
- Não

**Nos tempos livres costumamos.**

- Computador
- Amigos
- Ouvir música
- Ler
- T.V.
- Outros

**Em família habitualmente falam?**

(podes escolher mais do que uma opção)

- Situação familiar
- Opção Resultados Escolares
- Perspetivas de futuro
- Situação do país e do mundo
- Questões Éticas e Morais

**O mais importante numa profissão é...**

- Gostar do que se faz
- Ganhar bem
- Porque é uma obrigação
- Outra

**Profissão/Vocação que gostarias de ter?**

**És católico?**

- Sim
- Não

## ANEXO B – Ficha de Referência da UL3



### FICHA DE REFERÊNCIA DA UL3

#### EMRC 9º ano Turma B/D

##### 1 – Sexo

Masculino

Feminino

##### 2 – Idade

14

15

16

##### 3 - Qual a área de ensino que pretendes escolher?

Ciências e Tecnologias

Ciências Sociais e Humanas

Artes

Desporto

Técnico Profissional

Não sei

Outra

**4 - Quando concluíres o ensino secundário, pretendes:**

- Ingressar numa faculdade
- Trabalhar e estudar
- Só trabalhar
- Não sei

**5 - A escolha de uma profissão depende principalmente de:**

- Estar na moda
- Remuneração
- Ser uma carreira sonhada pela pessoa
- Influência dos pais/familiares
- Outro motivo
- Não sei

**6 – O que queres mesmo? (possibilidade de várias opções)**

- Ser feliz
- Fazer os outros felizes
- Ser feliz e fazer os outros felizes
- Construir uma sociedade justa e solidária
- Ser feliz

**7 – Reconheces a procura de felicidade como uma voz ou estímulo de Deus, dentro de ti?**

- Não, nunca pensei nisto
- Sinto que é algo misterioso, mas não me aprofundei nisso
- Sim, tenho consciência disto e penso assim

**8 – Em que direções orientas a procura e anseio de felicidade?**

- Lazer/diversão
- Estudo
- Trabalho para sobreviver
- Desportos
- Outros

**9 – Que angustias ou problemas sente o jovem nesta procura pessoal de felicidade?**

- Incerteza
- Insatisfação
- Insegurança
- Desorientação
- Outros

**10 – Achas que os jovens de hoje, de modo geral:**

- Não têm sensibilidade pelos valores religiosos
- São indiferentes, desinteressados
- Vivem uma crise diante dos valores religiosos
- Têm sensibilidade por estes valores

**11 – Consideras a formação de uma família e a experiência da vida familiar importantes para os jovens de hoje?**

Sim

Não

**12 - Consideras a vocação cristã importante para o teu crescimento?**

Sim

Não

**13 - Consideras que a família importante para a construção do teu projeto de vida?**

Sim

Não

**14 - Consideras ter vocação para:**

Casar

Viver em união de facto

Viver em união de facto e formar família

Uma vida consagrada religiosa(o)

Não pretendo assumir nenhum compromisso

Não sei

**15- O que pensas sobre o divórcio?**

Algo negativo, que destrói uma família

Uma opção que só deve ser utilizada quando se sente que não há solução para os problemas do casal

Positivo, porque permite ao casal começar uma nova vida quando a vida a dois já não faz sentido

Penso que (escreve o que te parece) \_\_\_\_\_

**16 - Qual é a tua posição perante a prática religiosa?**

- Considero-me praticante
- Participo só em situações festivas
- Tenho uma relação individual com Deus
- Não pratico

**17 – Achas que a disciplina de EMRC ajuda-te a abrir novos horizontes para a vida?**

- Sim
- Não